

INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO
CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC II

DOSSIÊ DE ESTABILIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA RUÍNA
NA PRAÇA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE DO
MORRO DE SÃO SEBASTIÃO

Prof. Rodrigo Otavio, de Marco Meniconi

Aluno: Arthur Vinícius Valério Lucas

OURO PRETO

MAIO 2016

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS – IFMG
CAMPUS OURO PRETO
CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC II

**DOSSIÊ DE ESTABILIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DA RUÍNA
NA PRAÇA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE DO
MORRO DE SÃO SEBASTIÃO**

Trabalho apresentado ao
Departamento de Conservação e
Restauro do Instituto Federal Minas
Gerais – Campus Ouro Preto para
avaliação do curso de Tecnologia
em Conservação e Restauro

Orientador: Prof. Rodrigo Otavio, de Marco Meniconi

Aluno: Arthur Vinícius Valério Lucas

OURO PRETO
MAIO 2016

L933d Lucas, Arthur Vinícius Valério
Dossiê de estabilização e conservação da ruína na Praça
de Nossa Senhora da Saúde do Morro de São Sebastião
[manuscrito] / Arthur Vinícius Valério Lucas. – 2016.
84 f. : il.

Orientador: Rodrigo Otávio de Marco Meniconi.

TCC (Graduação) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Campus Ouro Preto.
Tecnologia em Conservação e Restauro.

1. Ruína. – Monografia. 2. Estabilização. – Monografia. 3.
Salv guarda. – Monografia. 4. Conservação preventiva. –
Monografia. I. Meniconi, Rodrigo Otávio de Marco. II.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas
Gerais. Campus Ouro Preto. III. Tecnologia em Conservação
e Restauro. IV. Título.

CDU 719

Catálogo: Biblioteca Tarquínio J. B. de Oliveira - IFMG – Campus Ouro Preto

*Essa é por você Carminha, que de onde
está sempre me guia...*

*Para Alfredo, que sempre disse que eu
seria capaz se lutasse sempre...*

*E para minha mãe que nunca me
abandona e amigos que aos rodeiam...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos Deuses, sem exceção ou distinção de credo, pois de certa forma, todos contribuíram e ajudaram para que eu chegasse até aqui.

Gostaria de agradecer à minha Família, em especial a minha mãe Angélica, que sempre me apoiou e ajudou em cada batalha, por mais difícil que fosse, sempre esteve comigo me ajudando e me apoiando. Agradeço também aos meus tios, tias, primos, primas, meu avô e minha irmã, que me incentivaram e me apoiaram nos momentos de incertezas e dificuldade. Em especial agradeço a família que me acolheu como membro em Ouro Preto e agradeço na pessoa do Obelardo, com quem convivi durante o curso e posteriormente junto de sua família com os quais sempre pude contar mesmo vivendo longe de casa.

Agradeço também aos meus professores que tive ao longo do curso, entre eles Ricardo, Rodrigo que veio a ser meu orientador, Alexandre, Luciana, Paola, Ney e todos os outros que sempre nos passaram conhecimentos e contribuíram de maneira única para o aprendizado no curso. Pelas visitas técnicas, aulas de campo, aulas práticas e todas as formas de conhecimento que nos foram transmitidas ao longo desses anos. Aos colegas de classe e as amizades que surgiram como fruto dessa convivência.

Para não correr o risco de esquecer algum amigo, agradeço a todos, sem exceções, aos do curso, do Handebol, da minha cidade natal, da torcida organizada do Milan entre tantos outros. Eles que partilharam comigo um pouco de seu dia a dia, de seus problemas, fraquezas, mas que estiveram comigo, e me deixaram fazer parte de suas vidas, mesmo que de forma breve em alguns casos, e outros que espero continuar mantendo amizade por muitos anos. Também agradeço aos que contribuíram como a Tamara Moreira que sempre contribuiu em meus deslocamentos para casa e no decorrer das viagens acabou se mostrando uma pessoa com quem eu sempre podia contar.

Não posso deixar de agradecer imensamente a todos com quem trabalhei na minha bolsa no Setor de Projetos. Foram eles que compartilharam o dia a dia comigo, nos melhores e piores momentos, me ensinaram tanto como professores, e se tornaram verdadeiros amigos para mim, depois de tanta convivência e aprendizado diário com eles. São eles Liliam Melo, João Ricardo, Flavio Nasser, Geraldo Vargas, Rondinely, Flausino Lima

em especial pelo auxílio nas medições e levantamentos, e por ajudar a tornar possível esse trabalho e Daniele Lima. De forma geral, agradeço a todos do campus entre funcionários, servidores e terceirizados com quem tive oportunidade de estar e trabalhar durante minha passagem pelo setor.

Mas agradeço principalmente aos meus amigos, que considero como irmãos, Douglas, Lucas, Leandro, Leonardo e Luiz Filho, que ao longo dos anos, se mostraram verdadeiros amigos, que nunca me abandonaram, mesmo estando distante. Me auxiliaram em momentos difíceis, e compartilharam de bons momentos assim como os momentos ruins.

Reitero meu agradecimento aos amigos e amigas sejam eles: presentes, virtuais, e até *in memoriam* que estiveram comigo durante minha caminhada.

“A maior recompensa pelo nosso trabalho não é o que nos pagam por ele, mas aquilo em que ele nos transforma.”

(John Ruskin)

RESUMO

Em decorrência da conseqüente falta de uso e posterior abandono a edificação iniciou o processo de arruinamento que vem se desenvolvendo com o passar dos anos. Em função do valor representado pela edificação no decorrer dos anos e funções nas quais ela funcionou para a população, se fez necessário um trabalho para salvaguardar o local até uma futura intervenção. Foi feito um estudo encima das características construtivas do objeto para se estipular a época de sua construção, sendo levados em consideração sua localização, suas tipologias construtivas e assimilação nessas características. Com relação a estabilização foram elaboradas propostas para garantir a salvaguarda da ruína até que possa ser elaborada uma nova proposta de restauro da mesma. Os serviços citados têm seu embasamento em teorias propostas por restauradores e também em congressos realizados ao longo dos anos, bem como material técnico que é disponibilizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Tais ações citadas devem ser executadas para que em conjunto possam garantir assim a preservação da ruína e evitar que seu processo de arruinamento tenha prosseguimento, fazendo com que ela se perca junto de sua história e valor como patrimônio histórico para a população.

Palavras-chave: ruína, estabilização, salvaguarda, conservação preventiva.

ABSTRACT

Due to the consequent lack of use and later abandoned the building began blasting process that has been developing over the years. Depending on the value represented by the building over the years and functions where she worked for the population if a work was necessary to safeguard the site until a future intervention. It was made a study on top of the constructive characteristics of the object to stipulate the time of its construction, being taken into account its location, its construction and assimilation types these characteristics. Regarding stabilization proposals have been designed to ensure the safeguarding of ruin until it can be prepared a new proposal for restoration of the same. The services mentioned have their grounding in theories proposed by restorers and also in congresses over the years, as well as technical material that is made available by the Heritage Institute for National Artistic (IPHAN). Such mentioned actions should be performed so that together can thus guarantee the preservation of ruin and prevent your blasting process has continued, causing it to lose with its history and value as historical heritage for the population.

Keywords: ruin, stabilization, protection, preventive conservation.

Lista de figuras:

Figura 1: Localização do objeto de estudo.	11
Figura 2: Visualização em 3d do objeto de estudo.	12
Figura 3: Foto antiga da Capela de São Sebastião.	22
Figura 4: Alvenaria de pedra seca na edificação.	26
Figura 5: Alvenaria de tijolo de barro.	27
Figura 6: Intervalo entre as faces da parede.	27
Figura 7: Alvenaria de tijolo cerâmico.	28
Figura 8: Foto antiga da residência que atualmente está em ruínas.	30
Figura 9: Mapa do número de pavimentos das residências.	32
Figura 10: Portão de acesso ao terreno.	35
Figura 11: Banheiro da edificação.	34
Figura 12: Foto da edificação antes do arruinamento.	38
Figura 13: Acumulo de entulho e vegetação no terreno.	39
Figura 14: Cerca se desprendendo do solo.	41
Figura 15: Desenvolvimento de vegetação e umidade	42
Figura 16: Destacamento de placas de reboco.	42
Figura 17: Fiadas de tijolo nas paredes arruinadas.	43
Figura 18: Patologias próximo a transição de técnicas construtivas.	44
Figura 19: Esquadria com vidros quebrados	45
Figura 20: Esquadria com desgaste na madeira.	45
Figura 21: Trinca acima da porta de acesso.	47
Figura 22: Deposição do solo junto à edificação.	48
Figura 23: Rachadura próxima a lateral direita da edificação.	50
Figura 24: Pontos de estufamento de reboco.	50
Figura 25: Desenvolvimento de vegetação dentro da edificação.	51
Figura 26: Acumulo de sujidade na pia do banheiro.	52

Lista de quadros:

Quadro 1: População de Vila Rica em 1804	22
Quadro 2: População nos morros de Vila Rica em 1804	22

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	14
3. ANÁLISE CONTEXTUAL	15
3.1. Aspectos históricos	15
3.1.1. Histórico de Ouro Preto	15
3.1.2. Histórico do Morro de São Sebastião	21
3.1.3. Histórico da Ruína	25
3.2. Aspectos Socioculturais	32
3.3. Aspectos Urbanos	32
3.4. Aspectos Geográficos	34
4. CARACTERIZAÇÃO E DESCRIÇÃO ARQUITETONICA	35
5. MAPEAMENTO DE DANOS	40
01/06	55
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO.....	55
02/06	56
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO.....	56
03/06	57
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO.....	57
04/06	58
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO.....	58
05/06	59
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO.....	59
06/06	60
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO.....	60
6. CONCEITOS E CRITÉRIOS BÁSICOS SOBRE RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO	61

6.1. Restauração em Ruínas	66
7. PROPOSTA DE CONSOLIDAÇÃO	70
8. CADERNO DE ENCARGOS	74
8.1. Serviços preliminares	74
8.2. Entorno da edificação.....	74
8.3. Estruturas	76
8.4. Piso.....	77
8.5. Paredes	78
8.6. Banheiro.....	78
8.7. Esquadrias	79
9. CONCLUSÃO	80
10. REFERENCIAS	81
LEVANTAMENTO ARQUITETONICO PANCHA 01/02.....	79
LEVANTAMENTO ARQUITETONICO PRANCHA 02/02.....	80
MAPEAMENTO DE DANOS 01/04.....	81
MAPEAMENTO DE DANOS 02/04.....	82
MAPEAMENTO DE DANOS 03/04.....	83
MAPEAMENTO DE DANOS 03/04.....	84

1. INTRODUÇÃO

O estudo de caso deste dossiê é parte das atividades desenvolvidas na disciplina TCC 2, do Curso Superior de Tecnologia em Conservação e Restauro do Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Ouro Preto. Consistirá na elaboração de projeto de estabilização e conservação da ruína localizada no início da Rua Itabira, próxima a praça. A ruína foi edificada provavelmente na segunda metade do século XIX, a qual veio a se arruinar nos últimos anos. A ruína localiza-se no Bairro Morro São Sebastião, no município de Ouro Preto, região central do estado de Minas Gerais. Encontra-se próxima à Capela de São Sebastião que dá nome ao bairro e a capela de São João, sendo essa a primeira capela a ser edificada na cidade, como marco do início da ocupação, segundo Diogo de Vasconcelos.

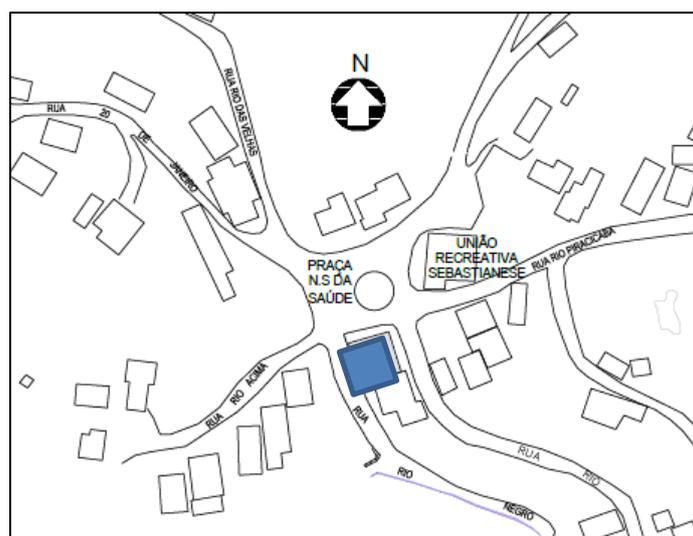


Figura 1- Localização do objeto de estudo

Fonte: Arthur Vinícius 2016

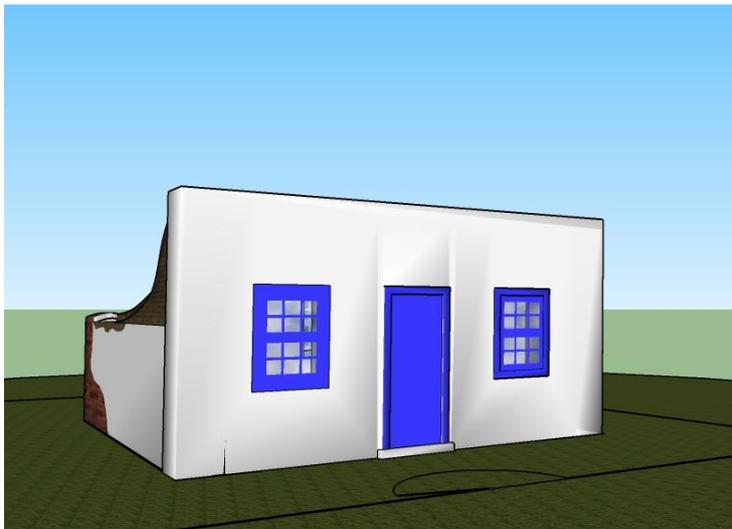


Figura 2- Visualização em 3d do objeto de estudo

Fonte: Arthur Vinícius 2016

O procedimento desse projeto busca contribuir para que a ruína que pertence à irmandade de São Sebastião possa ser devidamente estabilizada e posteriormente tenham uma nova vida, com a elaboração de um projeto, representando assim um ganho para a população quando se trata da preservação da cultura, uma vez que foi identificado valor para a população. Pretende-se, após sua finalização, buscar apoio perante órgãos públicos e privados para a execução do restauro e da conservação da ruína, bem como um reaproveitamento do espaço.

2. OBJETIVOS

Como objetivos gerais se destacam a elaboração de um dossiê com proposta de consolidação da ruína em caráter de salvaguarda da mesma até que possa ser elaborado um projeto de restauração adequado para a mesma pelos profissionais adequados contemplando a preservação da ruína. Tal trabalho tem também o intuito da reutilização da ruína como se pede que seja dado um novo uso no bem de modo que seja a população local beneficiada com o trabalho. O novo uso do local deve ser atribuído após um processo de análise juntamente com a população de modo que melhor atenda às suas necessidades.

A elaboração desse trabalho também tem o intuito de com o material em mãos possa ser executado pela comunidade e por isso será pensado de forma que se torne viável de execução. A valorização da cultura da comunidade local também se inclui entre os objetivos uma vez que se faz presente entre a população do bairro o sentimento de pertencimento dos bens presentes na região como a Capela de São Sebastião entre outros bens próximos ao objeto de estudo.

Como objetivos específicos se caracterizam uma proposta de intervenção com o intuito da consolidação de modo independente sem que seja afetada a estrutura original da ruína, e que seja passível de reversibilidade sem deixar danos aparentes no bem. Reitera-se também como objetivo específico que o trabalho seja passível de realização pela viabilidade do mesmo, e que seja executado com certa rapidez para que seja preservada a ruína e futuramente elaborado o projeto adequado.

3. ANÁLISE CONTEXTUAL

3.1. Aspectos históricos

3.1.1. Histórico de Ouro Preto

A maior parte do que se tem sobre o descobrimento de ouro nos vales de Ouro Preto tem sua origem em uma versão dada por Bento Fernandes Furtado. A partir dele surgiram vários escritos posteriores entre eles: Silva Ponte, Diogo de Vasconcelos que tem sua versão como uma das mais conhecidas, e até mesmo Claudio Manoel da Costa que se tornou um destacado inconfidente durante o período da revolta.

O Pai de Bento Fernandes, Coronel Salvador Fernandes Furtado teria sido um dos primeiros paulistas a desbravarem a região. Logo depois, Antônio Dias teria feito o mesmo caminho feito pelos aventureiros paulistas e depois de grande jornada, tendo alcançado então o ponto culminante de sua viagem que é contada por Diogo de Vasconcelos com a provável alteração de alguns dados:

No dia seguinte, alvorecendo, sexta feira, 24 de junho de 1698, os bandeirantes ergueram-se e deram mais alguns passos: todo o panorama estupendo do Tripuí, iluminado então pela aurora, rasgou-se dali aos olhos ávidos: e o Itacolomi, soberano da cordilheira estampou-se nítido e firme no cerúleo do céu, que a luz reclamava de purpura e ouro, de anil e rosas. Tomando o santo do dia, São João Batista foi o patrono da nova terra, voz clamanti sin deserto¹; e essa voz, ressoando nos ecos da solidão, despertou a natureza ouvindo a saudação do anjo: Ave Maria! Foi essa a madrugada em que realmente se fixou a era cristã das Minas Gerais. Estava descoberto o Ouro Preto².

Segundo a versão de Diogo de Vasconcelos, teria vindo Antônio Dias em uma expedição que vinha em função de um boato que dizia que um mulato de Taubaté havia encontrado ouro anos antes próximo a uma estranha formação rochosa. Assim

¹ Alusão às palavras proféticas sobre João Baptista: a voz que clama no deserto

² VASCONCELOS, Diogo de. História Antiga das Minas Gerais, p134

como ele, com o boato da descoberta de ouro, outras expedições foram feitas, mas sem sucesso, até que Antônio Dias encontrasse o suposto local.

Ainda segundo Vasconcelos, após a descoberta de ouro por Antônio Dias, a notícia se espalhou pela colônia e em pouco tempo se formaram várias outras expedições vindas em busca da descoberta, trazendo uma enorme quantidade de pessoas em busca de ouro. Aos poucos se formaram arraiais mineradores que se constituíram nos morros e nas margens dos ribeirões locais onde a mineração era feita de forma desorganizada e precária em meio a enorme quantidade de pessoas. Estima-se que por volta de 1710 chegava a 30.000 pessoas e com o passar dos anos atingindo a marca de possíveis 40.000 pessoas vindo a se tornar a maior aglomeração da América Latina durante o período.

Com o crescente movimento por conta da atividade mineradora que se instalava na região, ainda por volta de 1700³, houve uma crise de abastecimento. A população se dedicava exclusivamente à mineração nos arraiais, fazendo com que pouco se produzisse na região mineradora. Em função da crise, os arraiais que circundavam o então centro minerador foram se dedicando à agricultura e ao comércio que passaram então a fornecer produtos para a sociedade que se consolidava. Parte dos comerciantes se enriqueceu bastante nessa época juntamente dos agricultores, constituindo assim uma parte importante e influente da população. Entre esses arraiais que faziam o fornecimento de produtos, se destacam Cachoeira do Campo e o antigo São Gonçalo do Amarante, atual Amarantina.

Por volta de 1708 ocorreu um dos principais conflitos: A Guerra dos Emboabas⁴. O embate tem sua origem no fato de que com a repercussão da notícia da descoberta do ouro pelos paulistas, começaram a surgir expedições de várias partes da colônia, bem como portugueses. Os paulistas ao perceberem a ameaça iminente com a vinda dos povos que reivindicavam o direito de exploração, com destaque às comitivas portuguesas travaram batalhas pelo domínio da mineração local.

A palavra emboaba é de origem indígena e significa “pinto calçado”. Tal nome foi atribuído aos portugueses, que ao contrário dos bandeirantes paulistas, usavam calças e botas. Os bandeirantes paulistas normalmente andavam descalços com uma espécie de bermuda ao contrário da figura idealizada de homens bem vestidos e

³ PENA, Thaís Proença Diniz – Ouro Passo a Passo 2000

⁴ JúNIOR, Demercino José Silva. "A Guerra dos Emboabas"; *Brasil Escola*.

protegidos. Eram na verdade homens que andavam descamisados portando arco e flecha e por muitas vezes dominavam uma parte da língua tupi.

Os atritos começaram a se intensificar, e então ocorreram batalhas com destaque para a Batalha da Cachoeira que se tornou uma das mais decisivas para o conflito. Os paulistas se agruparam no arraial de Cachoeira do Campo e se prepararam para a batalha com fortificações e trincheiras no local, à espera dos emboabas que após uma batalha sangrenta terminou com a vitória emboaba. Dias depois os emboabas expulsaram os paulistas da região das minas.

Ainda, em 1709, foi criada a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, tendo Mariana como capital. Dois anos depois, em 1711⁵, os núcleos de Ouro Preto, Antônio Dias, Ouro Podre e Padre Faria foram elevados à categoria de vila, e com isso nasce Villa Rica de Albuquerque.

Diferente do litoral, o caos crescia em Minas, onde o ouro era o propulsor dos conflitos entre as pessoas que procuravam uma oportunidade de se enriquecerem em Villa Rica, seja por meio de comércio, ou pela exploração do ouro, que acabou por trazer desde mercadores e trabalhadores, a pessoas do clero, serviços e artesãos.

Em 1720, o governo português propôs a construção de casas de fundição no território mineiro, de modo que de todo o ouro explorado, deveria ser recolhido uma taxa de 20% que ficaria retida com a coroa em forma de pagamento de impostos. Com o acirramento das políticas tributárias, começou a aflorar o descontentamento da população e passaram a surgir manifestações entre os mineradores pelos arraiais da região. Filipe dos Santos que era um dos líderes do movimento foi preso no adro da Matriz de Cachoeira enquanto discursava para a população contra a coroa. Foi preso e trazido para Vila Rica onde foi enforcado e esquartejado na presença do Conde Assumar. Pascoal da Silva, outro líder da revolta, por sua condição de português e tendo certa influência, teve seu agrupamento queimado por ordem do Conde, e foi mandado de volta para Portugal. As ruínas de suas posses até hoje existem em algumas partes dos morros de Ouro Preto, com notoriedade para a região que ficou conhecida como Morro da Queimada. Tal movimento ficou conhecido como Sedição ou Revolta de Filipe dos Santos.

O crescimento da capitania se deu de forma tão acelerada que, em 1720, já havia se tornada autônoma, recebendo o título de capital. Mas, com a exploração

⁵ PENA, Thaís Proença Diniz – Ouro Passo a Passo 2000

excessiva, o ouro não tardou em escassear e, por volta de 1750, o metal já não era tão abundante como em outros tempos. A coroa intensificou a fiscalização com o intuito de combater o contrabando que, na época, era enorme, feito por grande parte das pessoas, forçando os mineradores a garantirem as cotas estabelecidas dos impostos. Tal opressão culminou com a Inconfidência Mineira, movimento até hoje ainda discutido e estudado por especialistas, que teve seu fim com o enforcamento de *Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes*, e a prisão de outros que ficaram conhecidos como Inconfidentes.

Com o eminente esgotamento das minas por volta do fim do Séc. XVIII, o pagamento dos impostos instituídos pela coroa que se tornaram cem arrobas mínimas anuais passou a se tornar algo impossível para os mineradores. A coroa passou então a fazer a cobrança de tal quantia restante para o fechamento do pagamento à força, tendo tal iniciativa ficado conhecida como Derrama. Em 1788 em meio ao constante conflito entre a população e o governo causando insatisfação geral, começou a se formar um movimento de conspiração contra o governo. Esse grupo era influenciado por ideais vindos dos iluministas franceses, humanistas italianos, e pela Revolução Americana de 1776 por conta do trânsito internacional de ideias⁶. Durante os períodos de julgamentos dos inconfidentes, vários livros contendo tais ideais foram encontrados em suas bibliotecas particulares. Tratava-se de um grupo bastante heterogêneo contendo pessoas dos mais variados cargos entre eruditos, poetas, políticos, membros do clero, militares entre outros.

O objetivo do grupo era a formação de uma nação livre em Minas. Para alcançar tal objetivo era necessária a organização de uma revolução estruturada para depor o governador. Apesar de bem estruturada, a revolução não aconteceu, pois em 15 de março de 1789 Joaquim Silvério dos Reis que era membro do grupo, denunciou o movimento e seus planos em troca de ter todas as suas dívidas perdoadas. Com a traição de Joaquim, todos os membros do grupo foram presos e mandados para o Rio de Janeiro e três anos depois foram mandados embora do Brasil em degredo perpétuo. Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes que era o principal nome em termos de divulgação do movimento foi o único a receber a pena máxima. Foi enforcado em 21 de abril de 1792, sendo esquartejado depois e tendo suas partes expostas ao longo de

⁶ Os Inconfidentes Mineiros estavam influenciados em grande medida, pelos ideais iluministas franceses, pelo humanismo italiano e pela então recente Revolução Americana de 1776, que culminou com a criação dos Estados Unidos da América. Consta nos arrolamentos do processo de julgamento dos Inconfidentes que vários livros com este teor contavam nas bibliotecas privadas dos mesmos

vilas, e sua cabeça exposta na praça principal de Vila Rica. Entre outros membros do grupo que foram presos, se destacaram: Tomás Antônio Gonzaga, José Alvares Maciel, Francisco de Paula Freire de Andrade, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Claudio Manuel da Costa.

A sociedade se constituía de uma população bastante diversificada desempenhando várias funções. A maior parte era formada por mineradores e pessoas ligadas a mineração como os donos de lavras. Existia também um número expressivo de burocratas que eram ligados à Coroa Portuguesa e que atuavam na administração da capitania ou em assuntos ligados à Vila e sua região. Junto da parcela ligada a administração, ainda havia um número razoável de clérigos e pessoas ligadas à igreja ao mesmo tempo em que os militares aumentavam em número e em patentes. Fora dos cargos citados anteriormente, estava uma parcela de artistas que viriam a ter papel importante durante as inúmeras construções que ocorreram na cidade ao longo dos anos com destaque para as igrejas barrocas que foram erguidas e também para outros prédios ligados ou não ao poder da Coroa. Em meio aos artistas ainda existiam pedreiros, carpinteiros, ferreiros, ourives entre outros que desempenhavam funções básicas para a vida na sociedade da época como boticários além de escravos, salteadores, vadios, mendigos, etc.

Etnicamente, a população se compunha de mestiços, fruto do concubinato não oficial com as negras, tendo valor significativo esse grupo que veio a ocupar as mais diferentes posições em Vila Rica como artistas, mineiros, e até chegando a cargos mais altos. Fruto dessa geração, e de altíssimo valor e contribuição para a arte barroca, é Antônio Francisco Lisboa. Antônio⁷ foi registrado pelo pai, e recendo seu nome e sobrenome, se tornando um liberto no dia de seu batizado. Antônio teria iniciado sua aprendizagem entalhando em pedra ainda quando criança, fazendo com que seguisse os passos do seu pai, e de seu tio como entalhador. Especula-se que seu aprimoramento profissional se deu a partir do contato com o abridor de cunhos e desenhista João Gomes Batista e o escultor e entalhador José Coelho de Noronha, portugueses com oficinas em Vila Rica e responsáveis por muitas obras em igrejas da região, e deixando o resto da formação talvez por frades de Vila Rica que lhe teriam ensinado o básico sobre a música, o latim e sobre a religião. Antônio Francisco começou como ajudante de seu pai e tio, mas aos poucos foi se destacando e ganhando prestígio com suas obras,

⁷ A maior parte das informações sobre Antonio Francisco Lisboa, são fruto da biografia escrita por Rodrigo José Ferreira Brêtas.

sendo chamado para que fizesse vários trabalhos em toda Vila Rica e toda a região, tendo em Mariana, São João Del Rei, entre outras cidades e chegando ao auge de sua perfeição concebendo os “Passos do Santuário de Bom Jesus do Matosinho” na cidade mineira de Congonhas do campo, e os 12 profetas que compõem o adro do santuário esculpido já na fase mais avançada de sua doença misteriosa que o atacou por volta de 1770, e depois deles, se limitando apenas a pequenos trabalhos feitos em Vila Rica até poucos anos antes da sua morte. Data-se que sua morte aconteceu provavelmente em 1814 após deformações no corpo que ocorreram ao longo dos anos após o contágio, e que dificultavam cada vez mais o trabalho do escultor que gerou o apelido de Aleijadinho, como ficou conhecido. Segundo o historiador Rodrigo Bretas, sua doença lhe causava feições asquerosas e deformidades, fazendo com que ele perdesse os dedos e os movimentos das mãos, trabalhando já no fim da vida com o martelo e o cinzel amarrados aos braços, e andando de joelhos.

A partir do início do século XIX, acentuou-se o declínio econômico de Portugal, o que coincidiu com a decadência da extração do ouro na cidade, e crise que começava a se instalar em toda Minas Gerais. Durante o período os grandes fazendeiros começam a ocupar lugar de destaque e influência, apesar de os pequenos comerciantes ainda exercerem influência. Com isso a população que trabalhava nas minas, começa a debandar, diminuindo assim drasticamente o número de habitantes de Vila Rica, que continua como capital de Minas Gerais.

Foi ainda durante o século XIX que diversos viajantes visitaram a cidade e com isso aconteceram diversos registros⁸ por parte dos mesmos. Entre esses relatos de viagem, se destacam depoimentos sobre a população, a vida cotidiana, do grande número de igrejas encontradas por toda cidade assim como outros prédios do poder público da época, como registra o inglês John Luccock em seu registro feito por volta de 1816. Era evidente também nos relatos feitos por outros viajantes que visitaram a então capitania de Minas Gerais que em 1822 com a proclamação da Independência se tornou província, o desejo de encontrar a então cidade descrita do século anterior, do ouro e dos tempos de glória. A então Vila Rica vinha em declínio econômico há alguns anos assim como toda a capitania de Minas Gerais, e apesar de sua elevação a cidade

⁸ Auguste Saint-Hilaire, francês que visitou a Sede de Vila Rica em 1816, apresenta um número semelhante: 8.000 habitantes (1976, p.70). O austríaco John Emanuel Pohl, que passou por Vila Rica entre 1817 e 1821, registrou 8.600 habitantes. SPIX & MARTIUS registraram, entre 1817 e 1820, 8.500 habitantes para a Sede de Vila Rica e 500.000 para a Capitania de Minas Gerais. A proximidade dos números sugere que eles tenham entrado em contato com dados do censo de 1804.

com o novo nome de Imperial Cidade de Ouro Preto, não conseguia manter os habitantes que outrora trabalhavam na cidade.

Em 1839, com o apoio do então império, foi criada a Escola de Farmácia, e mais tarde, em 1876 com o apoio de Henri Gorceix, se instala também na cidade a Escola de Minas. Apesar do empenho e do esforço que também culminou com a estrada de ferro que ligava a cidade até a então capital Rio de Janeiro, em 1897 a capital é transferida para o antigo Curral del-Rey (Belo Horizonte) e com isso parte da população ainda existente começa a se mudar para a nova capital, ou outras cidades que começavam a se formarem atrás de novas oportunidades. A mudança da capital é atribuída a falta de infraestrutura e da falta de condições técnicas para a ampliação da cidade nas encostas, o que impedia o então crescimento, assim como o trânsito de automóveis, por conta de suas ruas estreitas e becos. Mais tarde as encostas viriam a ser ocupadas irregularmente, como ainda pode ser observado pela cidade.

Apesar de não estar totalmente esquecida, graças a historiadores locais, como Diogo de Vasconcelos, que ainda tentava propagar a história da cidade, somente com a chegada dos modernistas, a cidade torna a crescer novamente, uma vez que com seu alcance, a cidade passou a ser conhecida nacionalmente e mais tarde internacionalmente. Em 1933 o prefeito João Veloso promulga a lei que impedia a descaracterização do casario colonial da cidade e mais tarde foi elevada à categoria de Cidade Monumento Nacional, pelo decreto nº 22.928, de 12 de julho de 1933, pelo então presidente Getúlio Vargas. Em 1938 seu conjunto urbano é tombado pelo instituto que hoje compõe o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), sendo em 1980 declarada como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Ainda vale ressaltar a criação do Museu da Inconfidência em 1944 que também coincide com a criação da Escola Técnica Federal no mesmo ano e em 1969 a criação da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto). Após a chegada dos modernistas, a cidade começou a ser novamente alvo de viajantes e turistas, que fizeram com que a cidade voltasse a crescer economicamente e socialmente, o que garantiu a preservação da cidade e dos monumentos nela existentes.

3.1.2. Histórico do Morro de São Sebastião

A história do Morro São Sebastião está diretamente ligada com a história do arraial de Ouro Podre. A região na qual se situa o bairro atualmente, fazia parte

originalmente da antiga Lavra dos Pelúrios segundo Eschwege (1979). Essa lavra fazia parte ainda dos domínios de Pascoal da Silva, assim como outras lavras que compunham sua área de extração.

Em 1720, com a então Revolta de Filipe dos Santos que teve seu fim com o enforcamento e esquartejamento de Filipe dos Santos, e a prisão de Pascoal da Silva sendo mandado em seguida de volta para Portugal, ocorreu também por ordem do Conde de Assumar, a queima das terras que compunham parte de seu agrupamento. Com a conseqüente queima do arraial, que hoje em dia compõe parte do bairro Morro da Queimada, houve a migração de parte da população para terras próximas para dar continuidade com a atividade mineradora da região da qual se extraía boa parte da riqueza obtida em Vila Rica.

Após ser queimada a região, que segundo registros remontam a uma noite inteira de fogo que serviria de exemplo para a população para que a mesma não viesse a se rebelar contra a coroa, parte das pessoas teria se dirigido então para arraiais próximos, estando entre eles a Lavra dos Pelúrios. Apesar de estar geograficamente situada mais distante que as outras para as quais as pessoas se dirigiram, foi um dos novos agrupamentos que recebeu número significativo de novos moradores e trabalhadores.

A capela de São Sebastião existente (FIG. 3), seria então fruto dessa mudança dos mineradores segundo o registro do Conego Trindade⁹ que em por volta de 1724 teria sido levada para o alto do morro na qual se encontra a atual capela, que traz inscrito sobre seu arco do cruzeiro, a data de 1753, que pode se referir a alguma reforma que tenha sido concluída nesse período. A primeira capela de São Sebastião seria a então conhecida como São Sebastião do Ouro Podre, que teria sido posteriormente transferida na década de 20 do Séc. XVIII para o morro que atualmente atende pelo nome da capela, Morro de São Sebastião, ainda segundo o Conego Trindade. Além do registro inscrito no arco do cruzeiro, tem se também a data de 1837 quando se deu início a uma nova reforma que se prolongou até 1906, quando se encerraram os trabalhos de douramento do altar-mor. Teria sido essa capela ainda no arraial de Ouro Podre feita em taipa de pilão de forma ainda bem singela, da qual carecem de registros, e sendo a atual capela de São Sebastião executada em lajões de pedra.

⁹ TRINDADE, Cónego Raimundo. Instituições de igrejas no Bispado de Mariana. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. 1945



Figura 3 – Foto antiga da Capela de São Sebastião.

Fonte: Luiz Fontana

A capela ainda se assemelha em estilo arquitetônico assim como a forma construtiva com outras capelas que foram erguidas em Vila Rica durante o mesmo período, datando da segunda década do séc. XVIII, tendo como exemplos as capelas de Nossa Senhora da Piedade, de Sant’Ana, e a de Bom Jesus das Flores do Taquaral, sendo a última posterior com data de 1748.

Em um senso realizado em 1804 (QUADRO-1), também é possível constatar em números a distribuição da população da sede de Vila Rica (Mathias: 1969, p.191-202), onde aproximadamente 14,3% da população se concentrava ainda nos morros, onde no então Morro de São Sebastião, residiam cerca de 57 pessoas distribuídas em 25 propriedades (QUADRO-2), mas por se tratar de um período no qual a extração aurífera já se encontrava em baixa, sendo escassas as lavras que ainda produziam, residiam apenas uma pequena parcela de faiscaidores, não sendo registrados mineradores nessa mesma época. Haviam poucos faiscaidores na região, por se tratar de uma atividade difícil e geralmente de difícil lucro, e no comércio se tem registro através do censo realizado, de cerca de 3 donos de venda no Morro de São Sebastião. Ainda sobre as informações do senso, é necessário informar que parte das propriedades que foram listadas, não foram identificadas.

População de Vila Rica - 1804

Distrito	Homens	Mulheres	TOTAL	Livres	Escravos	TOTAL
Ouro Preto	1441	1430	2871	1819	1052	2871
Cabeças	720	681	1401	950	451	1401
Antônio Dias	857	837	1694	1100	594	1694
Morros	685	624	1289	946	343	1289
Alto da Cruz	517	601	1118	824	294	1118
Padre Faria	286	331	617	458	159	617
TOTAL	4486	4504	8990	6097	2893	8990

Quadro 1. População de Vila Rica – 1804. Fonte: MATHIAS, Herculano G. Um recenseamento da capitania de Minas Gerais: Vila Rica – 1804. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça / Arquivo Nacional, 1969. p.190-208.

Morros de Vila Rica - 1804

Morros	Propriedades	Habitantes
Morro dos Ramos	11	41
Morro de São Sebastião	24	57
Jacutinga	9	26
Ouro Podre	8	47
Ouro Fino	11	52
Queimada	22	113
Lages	7	54
Caminho Novo	49	325
Morro da Piedade	17	106
Morro de Santana	50	244
Córrego Seco	4	35
Morro de São João	40	189
TOTAL	252	1.289

Quadro 2. Morros de Vila Rica – 1804. Fonte: MATHIAS, Herculano G. Um recenseamento da capitania de Minas Gerais: Vila Rica – 1804. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça / Arquivo Nacional, 1969. p.190-208.

Assim como toda a cidade passou por um processo de declínio não só da produção aurífera, como econômica e por volta de 1815 já começavam a se escassear as poucas lavras ainda existentes nos morros das serras segundo Botelho (2000). Em contraponto cresciam os domínios dos fazendeiros pelo interior das Minas Gerais segundo Carneiro (2005), assim como eram implantadas novas formas de extração advinda do investimento de capital estrangeiro, em grande parte inglês. Tal investimento visava melhorar as formas de produção, mas que mesmo com estudos feitos posteriormente foram constatadas a escassez da região que havia sido minerada de forma desordenada, com técnicas rudimentares, onde ainda podiam ser encontradas lavras abandonadas, assim como veios deixados nos morros sem qualquer tipo de ordenação.

Daí em diante, com a debandada da população local em busca de novas oportunidades, assim como começou a acontecer por toda a cidade, parte dos bairros que outrora abrigavam mineradores espalhados, começaram a se tornarem bairros abandonados. Tal situação se agravou ainda mais com a mudança da capital para o antigo Curral del-Rey, atual Belo Horizonte, vindo o panorama a ser mudado apenas já por volta de 1930, quando se dava início ao processo idealizado pelos modernistas de revalorização da identidade nacional. Contudo, ainda assim se dá um novo processo de ocupação desordenado nos antigos morros, por vezes em áreas de risco, assim como aconteceu no Morro de São Sebastião.

O bairro Morro de São Sebastião foi erguido em uma área de risco¹⁰, assim como outros bairros, e sem o controle de ocupação ordenada, como ocorreu em outras partes da cidade. Com a nova ocupação da cidade após a década de 30, o bairro foi um dos que recebeu também novos moradores que fizeram sua ocupação e conseqüente crescimento. Apesar de estar em perímetro tombado, não foram aplicadas as normas de construção da cidade de Ouro Preto, exigindo que as casas fossem edificadas em estilo colonial. Tal ocorrência pode ser fruto da falta de fiscalização das autoridades, ou por se tratar de um bairro que não pode ser visto do centro histórico, como era pedido nas normas de construção do período em outras partes da cidade.

3.1.3. *Histórico da Ruína*

A edificação carece de documentação que possa trazer uma informação que precise a época em que a mesma foi erguida, bem como os primeiros proprietários do local. Sendo assim, foi feito um estudo que toma como base prospecções feitas a respeito das técnicas construtivas bem como os materiais empregados, além da área na qual ela se insere para que sejam então propostas possíveis datas ou períodos para a datação da mesma. O conteúdo apresentado a seguir onde é proposta uma datação para a ruína é feito assim por assimilação com o local, as técnicas, materiais, e carece de um estudo aprofundado para que possa ser comprovada a veracidade do mesmo e assim determinar a sua real data de construção. Foram utilizados para a elaboração desse estudo conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, e que por vezes é utilizado em casos onde também não é possível se obter registros escritos para que se possam datar

¹⁰ FERREIRA, Tatiane Araújo. *A construção social do risco em Ouro Preto – MG*. São Paulo, 2014

as edificações, ou que mesmo com a coleta de entrevistas não se possa ter precisado o início da construção através de pessoas nascidas anos antes de sua concepção.

Foi assim proposto que a construção tenha se dado em provavelmente três momentos diferentes, por conta das variações de material apresentadas, que podem ser então caracterizadas da seguinte forma:

- Primeiro momento: Construção em Alvenaria de Pedra
- Segundo momento: Alvenaria de tijolo de barro
- Terceiro momento: Alvenaria de tijolo cerâmico.

Na primeira fase da construção, ela foi concebida em alvenaria de pedra seca (FIG. 4). Tal técnica construtiva foi muito empregada ao longo das áreas mineradoras ainda no período de extração de ouro na região, onde como já foi citado anteriormente se localizava uma área de mineração conhecida pelo nome de Lavra dos Pelúrios. Existem exemplos remanescentes ao longo da cidade dos quais comumente foram empregados em novas construções constituindo a parte da fundação das mesmas por conta de sua robustez e a boa capacidade de suportar esforços mesmo com a passagem do tempo, se mantendo sólidos e firmes. O melhor exemplo do emprego dessa técnica construtiva, e que nos permite assimilação também por conta da proximidade, são os mundéis que compõe parte do acervo do Morro da Queimada. A proximidade com o que no passado era uma das maiores áreas mineradoras de Vila Rica, e a similaridade com o processo de extração que era praticado em Ouro Podre onde eram utilizados mundéis para a extração aurífera ajudam a caracterizar esse período construtivo proposto para a ruína.



Figura 4 –Alvenaria de pedra seca na edificação

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Estima-se que tal momento construtivo por se tratar provavelmente do período da extração de ouro, deve ser do Séc. XVIII ou os últimos anos do XVII, mas tal suposição só poderia ser comprovada após um estudo histórico mais aprofundado além de uma análise arqueológica como a que vem acontecendo no Morro da Queimada. Em razão dessa assimilação, foi feita a proposta, deveriam ser analisadas a fundo as camadas de solo próximas ao local, uma vez que que ocorreram aterros próximo a edificação arruinada.

O segundo momento da construção foi feito possivelmente já no decorrer do Séc. XX por se apresentar em alvenaria de tijolo de barro sendo utilizada argamassa de assentamento (FIG. 5). O uso dessa técnica construtiva data de aproximadamente, o que pode nos remeter também ao início do repovoamento e crescimento do bairro na primeira metade do séc. XX.



Figura 5 –Alvenaria de tijolo de barro

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Esse processo construtivo foi feito encima da base antiga de alvenaria de pedra seca como era comum ser feito com o intuito de aproveitar a estrutura existente também por suas características estruturais e robustez que se apresenta. Por conta de sua espessura, que se apresenta com média de aproximadamente 60cm com exceção a fachada frontal, foram necessárias duas fiadas de tijolos, cada uma acompanhando uma face da parede e sendo conseqüentemente deixado um espaçamento (FIG. 6) entre as mesmas. A alvenaria se constitui acima da alvenaria de pedra seca que atinge altura média de 2,5m ao redor da casa em relação ao piso acabado.



Figura 6 –Intervalo entre as faces da parede

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Provavelmente durante o período de reocupação do bairro, foi erguida essa parede com tijolos de barro cozido com o intuito de reaproveitar o que antes teria sido um mundel, e ali instalar uma nova residência. Foi então erguida a alvenaria, e teria sido provavelmente na mesma época que foram abertas na parede antiga em alvenaria de pedra seca os buracos para a colocação das esquadrias que vemos hoje. Na mesma época da construção das paredes, se remete a colocação do primeiro telhado, ainda de quatro águas na residência, que viria a ter futuramente usos variados para atender a população local.

O terceiro momento da construção se deu provavelmente mais recentemente provavelmente após a troca do telhado que se apresentava com quatro águas, e sofreu uma modificação passando então a ser um telhado de apenas duas águas, fazendo ela a função de uma empena. Essa faixa foi construída em alvenaria de tijolo cerâmico (FIG. 7) se foi utilizada argamassa a base de cimento como forma de rejunte e atende a uma última faixa irregular nas paredes da edificação. Pode ter sido utilizada também de maneira corretiva de algum eventual dano ocorrido na edificação. Em algumas paredes foi utilizado em maior quantidade, como em outras foi muito pouco utilizada como forma corretiva como já foi falado.



Figura 7 –Alvenaria de tijolo cerâmico

Fonte: Arthur Vinícius 2015

A partir desse terceiro momento que tem como marco a adição das técnicas construtivas mais recentes, se caracteriza o período final da edificação antes do seu arruinamento e conseqüente estado no qual se apresenta atualmente.

Sobre o histórico da ruína, carecem registros de fonte escrita sobre a mesma, sendo possível se levantar o passado da mesma apenas por registros orais de moradores mais antigos das proximidades. Foi então, levantando hipóteses que foram geradas graças à localização da mesma bem como análise nas técnicas construtivas utilizadas de modo que fosse sugerida uma provável data. Tal análise em que foram levadas em consideração as técnicas construtivas para a datação dos períodos em que foram construídas seguem no decorrer do dossiê.

Segundo foi colhida em entrevista concedida¹¹ por Dona Maria Auxiliadora (Dona Dorinha), à edificação era parte do patrimônio da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde, e até onde vão os registros orais recolhidos com moradores, se tratava de uma Irmandade que tinha forte vínculo com a população local. Prestava serviços para a comunidade, bem como auxiliava os mesmos de diversas formas. A propriedade (FIG. 8) em questão deteve ao longo de sua vida segundo os depoimentos usos dos quais por vezes o foco foi o benefício da população. Funcionou por anos como escola na qual se lecionava para os alunos o conteúdo do primeiro ao terceiro ano do ensino fundamental de forma gratuita. São diversas as pessoas que estudaram na escola que funcionou no local durante anos até que fosse construída com o tempo a Escola Municipal São Sebastião, e o local recebeu novo uso por intermédio ainda da irmandade, que ainda acumulou usos como salão que foi substituído pelo atual que se encontra também nas proximidades, e como biblioteca do bairro com uso voltado para a população.

¹¹ Entrevista concedida em 20/02/2016



Figura 8 – Foto antiga da residência que atualmente está em ruínas.

Fonte: Autoria desconhecida

Ainda segundo colhido na entrevista, a propriedade com o fim da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde, passou a ser cuidada por um senhor, e atualmente a população busca recursos e meios legais de transferir a propriedade para a Irmandade de São Sebastião, de modo que possam ser quitados eventuais débitos com a justiça que podem ter se acumulado com o passar dos anos. Pretende também com a possível posse da ruína, buscar junto as autoridades competentes que seja elaborado um projeto que contemple o restauro do local, bem como a revitalização do local, e que seja feito um novo uso que possa atender a sociedade local. Ao que se consta nos registros colhidos, esse mesmo senhor que outrora cuidava da edificação ainda se encontra em posse da mesma. Mas ele não propõe qualquer tipo de trabalho que possa ser feito com o intuito de se preservar ou fazer a manutenção preventiva da ruína, para evitar que o seu processo de arruinamento se concretize.

Trata-se de um lugar que além do valor histórico que foi proposto ao longo do presente trabalho, ainda se caracteriza como local de valor afetivo para a população local que deseja que tal lugar seja alvo de projetos de restauração para que possa ser feita a salvaguarda da mesma, bem como a reutilização, o que caracteriza assim o presente trabalho.

3.2.Aspectos Socioculturais

O bairro é constituído de várias ruas e duas praças: Praça São Sebastião e Praça Nossa Senhora da Saúde, da qual se distribui as principais ruas: Rua Rio das Velhas, Rua Rio de Janeiro, Rua Rio Piracicaba, Rua Rio Negro, Rua Rio Acima, Rua Rio Doce e Rua rio Itabira, a qual dá acesso à ladeira João de Paiva, que é um dos principais elos do bairro com a cidade de Ouro Preto. Há também as ruas Rio Ipiranga, Rio Verde, Rio Grande, Travessa Raimundo Vicente Neto, Rua do Córrego, Rua Rio de Pedra e Rua das Camarinhas. Um dos meios de transportes dos moradores do bairro é através dos ônibus da empresa Transcotta, que transitam nas principais ruas do bairro diariamente. Através das linhas Morro São Sebastião bairro São Cristóvão; e do bairro Morro São Sebastião à Cooperouro no bairro Pocinho e vice-versa, ocorre o transporte dos passageiros moradores do bairro, assim como atende a uma demanda extra da população local, uma vez que as linhas de ônibus transitam por outros bairros da cidade, fazendo a ligação entre eles, e prestando serviço à população.

Ainda no bairro existem a Creche Municipal São Sebastião e a Escola Municipal São Sebastião de ensino primário localizadas a primeira, próximo à praça de Nossa Senhora da Saúde, e a segunda próxima a capela de São Sebastião. Existe ainda um posto de saúde de pronto atendimento. A capela de São Sebastião abriga os padroeiros, São Sebastião e Nossa Senhora da Saúde. A religiosidade das pessoas do bairro é intensa e se faz presente não só nas celebrações, como também, nas festividades, com a participação de muitos fiéis do bairro, da cidade e de várias localidades vizinhas, que visitam o bairro.

Observam-se ainda as comemorações das festas juninas, nos meses de junho e julho. Há também no bairro as festividades da Cavalgada da Serra de Ouro Preto, realizada geralmente no segundo semestre do ano, proporcionando várias atrações à comunidade e a visita de inúmeros cavaleiros e amazonas ao bairro.

O bairro do Morro São Sebastião é um dos limites da APA Associação de Proteção da Cachoeira das Andorinhas, o Rio das Velhas nasce na região da Cachoeira das Andorinhas, o Rio das Velhas é um dos rios mais importantes do Estado de Minas Gerais.

3.3.Aspectos Urbanos

O objeto de estudo está inserido em meio a edificações com padrão construtivo relativamente mais recente, sem os traços comuns encontrados pelo perímetro urbano tombado da cidade no qual está inserido. A volumetria (FIG. 9) encontrada nas edificações próximas se limita a casas com no máximo três pavimentos, sendo estas em menor número que as outras. Elas variam em seu tipo de cobertura podendo ser observado que em algumas podemos encontrar a cobertura em telha de amianto ou metálica, bem como telhas cerâmicas em outras edificações, lajes de concreto e em menor número encontramos casas com mais de um sistema construtivo tradicional trabalhando em conjunto com técnicas construtivas mais recentes.

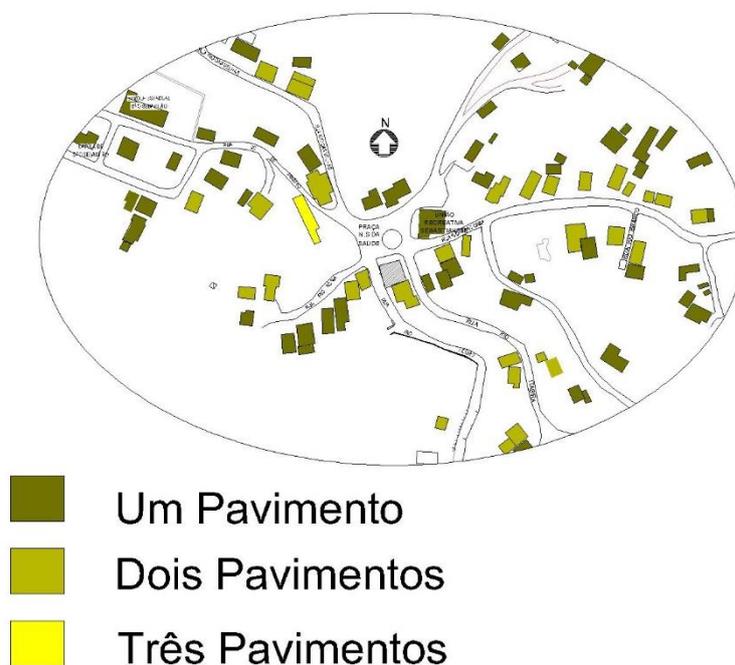


Figura 9 – Mapa do número de pavimentos das residências

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Em sua maior parcela, a população da região se constitui de pessoas de classe média e classe média baixa onde foi constatado que boa parte das edificações dos séculos XVIII, XIX e XX se arruinou, se perdeu, ou simplesmente foi demolida para dar lugar a casas com um novo formato, sendo nestas utilizadas novas opções de técnicas construtivas. O calçamento das ruas é em sua maioria de pedra tipo quartzito com exceção a praça próxima a ruína que apresenta a pavimentação do tipo bloquete, e outras ruas que recentemente foram asfaltadas

3.4. Aspectos Geográficos

O Bairro Morro São Sebastião no qual está localizado o objeto de estudo é caracterizado como um dos bairros que apresenta maior altitude em relação ao nível do mar, na cidade de Ouro Preto. A localidade está a aproximadamente 1400 metros acima do nível do mar, e possui relevo em declive, iluminado em todas as épocas do ano variando entre o médio e o alto índice de precipitação. Seu clima predominante assim como a cidade é o Tropical de Altitude, muito comum em regiões montanhosas com variação de chuvas ao longo do ano, com períodos indefinidos por vezes. A temperatura da cidade assim como os períodos de chuva varia ao longo de todo o ano, seguindo a predominância da estação, mas que não necessariamente se reflete de forma constante.

Os ventos da área próxima à ruína são comuns vindos tanto do sul ascendentes pelas ruas, quanto descendentes vindos da direção Leste, não tendo impedimentos naturais na região quando vindos do Sul, ficando apenas por conta de edificações de dois pavimentos, fazendo com que o vento corra e possa arejar toda a região. Apresenta índice médio de pluviosidade de cerca de 2018mm/ano, com distribuição irregular em função do clima. Esse índice de pluviosidade se acentua no início do ano, variando em outras épocas. Assim como grande parte da cidade, apresenta altos índices de umidade durante o ano, consequência também de córregos e nascentes que eram utilizadas ainda durante o período de extração aurífera e que foram consequentemente esgotados quando não aterrados.

A vegetação predomina ao longo do bairro, inserida tanto em meio às edificações em quintais, sendo essas de pequeno e médio porte, quanto na área do Parque Natural Municipal Cachoeira das Andorinhas. A região assim como toda a cidade era coberta por espécies naturais, consideradas madeiras de lei que foram utilizadas para construções ao longo dos anos, restando agora apenas uma pequena parte do desmatamento feito ao longo dos anos. A outra parte que compõe a vegetação da encosta é a vegetação que se adaptou ao tipo de solo da região, uma vez que o mesmo é rico em minério, e não sendo todas as espécies adaptáveis a tais condições, por se tratar de uma encosta.

4. CARACTERIZAÇÃO E DESCRIÇÃO ARQUITETONICA

No contexto geral, a ruína está inserida em um terreno em declive, com rebaixamento acentuado em relação ao nível da rua. A Praça de Nossa Senhora da Saúde, que se apresenta no entorno imediato da ruína é inserida num platô, onde a partir dela se derivam ruas que seguem em aclive, ou em declive como é o caso das ruas que cercam o quarteirão onde o lote da casa está inserido, causando assim o desnível. Com o auxílio do registro fotográfico, podemos contatar que a edificação antes do processo de expansão e crescimento do bairro, ficava em nível próximo ao terreno que hoje dá lugar a Praça de Nossa Senhora da Saúde, sendo ela assim, fruto de aterro feito para que se constituísse um platô plano para sua implantação. É provável que o passar dos anos e consecutivos aterros feitos nas ruas também para que fossem feitas as pavimentações ao longo dos anos contribuíram também para que o objeto de estudo se encontre no ponto de rebaixamento atual.

A delimitação do lote no qual está inserida a construção em estudo é feita por meio de uma cerca em sua maior parte, e um muro. A cerca que contorna três dos quatro lados do terreno foi feita com arame farpado, e sustentado por peças de madeira distribuídas ao longo de sua extensão. O outro lado do terreno, sendo esse o único que faz divisa direta com outra edificação é limitado por um muro feito de blocos de concreto, onde é respeitado o afastamento entre as duas edificações. Em frente a fachada frontal da edificação, existe um portão de madeira (FIG. 10) que dá acesso ao lote da edificação, feito com peças de madeira em formato muito utilizado em porteiros de áreas rurais, sendo o mesmo pintado em azul, e sendo utilizada uma corrente com cadeado para que ele seja fechado.



Figura 10 –Portão de acesso ao terreno

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Por conta do atual estado em que se encontra a cerca, permite o fácil acesso de pessoas para dentro do terreno, fato que deve ser evitado o mais rápido possível uma vez que com a quantidade de entulho e vegetação pode se tornar abrigo para animais ou risco a integridade física pessoa e ainda por conta da fragilidade e risco de desabamento que a edificação apresenta atualmente.

Apresenta planta simples sendo ela disposta como um salão, sem paredes em seu meio com exceção a um banheiro (FIG. 11) que foi colocado posteriormente, o que se pode constatar pela diferença de materiais. O piso provavelmente sofreu com descaracterizações e modificações ao longo dos anos, mas atualmente ainda se apresenta com taqueado de madeira. Se caso venha a ser comprovada a proposta de datação feita sobre uma possível datação da casa, o piso atual estaria provavelmente acima de outros pisos mais antigos que podem vir a compor um acervo arqueológico que carece de estudo. As paredes foram pintadas e repintadas ao longo dos anos, existindo assim camadas sobrepostas de tinta.



Figura 11 – Banheiro da edificação

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Possui uma porta de acesso em uma das fachadas que ainda conta com duas janelas, uma de cada lado, e duas janelas colocadas na parede oposta. As janelas são feitas de madeira com fechamento em duas folhas de abrir em madeira na parte interna delas, e fechamento tipo guilhotina na parte mais externa a edificação utilizando vidro como vedação, os quais se perderam em parte por conta do processo de arruinamento. Se apresentam pintadas na cor azul assim como a porta, e seguem ainda a tipologia característica do estilo colonial em sua concepção. As esquadrias são arrematadas com verga reta seguindo o ritmo de preenchimento espelhando os lados das paredes, sendo duas janelas na fachada frontal, e duas na fachada posterior. As janelas são pintadas na cor azul assim como a porta que dá acesso a edificação sendo ela feita com duas folhas de abrir também em madeira.

Internamente a edificação é composta por um uma área aberta como um salão principal sem paredes divisórias de cômodos com exceção ao banheiro que foi anexado posteriormente a edificação em relação a sua construção. O piso do local é feito em cimento, sendo o possível fruto de intervenções que ocorreram no local com o passar dos anos. Com exceção a parede da fachada frontal e as do banheiro, as paredes seguem o que foi proposto com relação a datação sendo elas concebidas em mais de um momento construtivo. As paredes do banheiro e da fachada frontal foram concebidas em um período construtivo posterior ao que foi datado com primeiro momento. Ambos foram construídos em alvenaria de tijolos de barro e a outra parte sendo feita

posteriormente junto do arremate da mesma feito em alvenaria de tijolo cerâmico. As paredes são pintadas na cor branca, e podem ser vistos traços e vestígios do arruinamento como partes onde ocorreu a queda de fiadas de tijolos, onde foram utilizadas duas fiadas para vencer as faces das paredes construídas no primeiro momento construtivo. As esquadrias da parte interior da fachada frontal estão faceadas com a parede devido a espessura mesma que permite que as janelas estejam alinhadas com a parede, enquanto as janelas da fachada posterior devido a e largura da parede sejam alinhadas apenas com a superfície externa da fachada, fazendo com que o peitoril da mesma seja estendido até a outra face da parede.

O banheiro tem o seu acesso feito por uma porta executada em madeira e pintada na cor azul como acontece com as outras esquadrias do local. O piso do banheiro é composto por azulejos cerâmicos assim como as paredes, fruto provavelmente de uma intervenção posterior feita na edificação. Os azulejos da edificação no chão foram assentados em um nível abaixo do piso da edificação, e compõe também uma soleira na porta de acesso com altura maior que a do piso da edificação formando um pequeno degrau com o intuito de evitar que a água do banheiro passe para fora dele. O revestimento da parede tem seu início na altura do piso e segue até uma altura aproximada de 1,60m sendo acima dele a parede pintada na cor branca. Ainda no banheiro encontram-se uma pia e um vaso sanitário, ambos fora de condições de uso. O banheiro era arrematado em sua parte superior por uma estrutura feita em madeira que atualmente se encontra também arruinada como a edificação, na qual ficava uma caixa d'água de cimento amianto que fazia a alimentação do banheiro.

Ainda em relação a área interna da edificação, encontra-se com bastante entulho, o que dificulta a identificação de outros elementos no piso de cimento. As paredes apresentam traços do arruinamento assim como parte do material ainda se encontra interno à edificação.

A construção era arrematada com um telhado de duas águas (FIG 12) feito em madeira com telhas cerâmicas. Tal telhado veio a se perder nos últimos anos, o que fez com que se acelerasse o processo de perda da integridade da edificação. Apesar de ter se perdido, pode ser constatado por foto que o mesmo telhado sofreu modificações e descaracterizações ao longo dos anos. É possível notar que o telhado havia existido em determinado momento em uma estrutura de quatro águas, e que foi sendo alterado até chegar em sua última forma antes de vir a se arruinar definitivamente. Se tratava de um telhado simples de duas águas, arrematado por cimalhas, e beiral.



Figura 12 – Foto da edificação antes do arruinamento

Fonte: Street view - Google Maps disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-20.3764113,-43.5004372,19.63z>

Atualmente a mesma conta com o arruinamento expressivo pontual em sua parte posterior, onde mantem o arruinamento até atingir a parte correspondente a fachada lateral esquerda da edificação. Ocorreu o arruinamento e a perda de parte do material que ficava acima da alvenaria de pedra seca acabou por ruir. Em outras partes a mesma também perdeu parte das suas alvenarias durante o processo de arruinamento da edificação, sendo visto internamente e externamente.

5. MAPEAMENTO DE DANOS

A cerca se constitui como já foi dito anteriormente de peças de madeira que fazem papel de pilares para a sustentação e fixação do arame fazendo o fechamento da edificação, dispostas as estacas com distância média entre um ou dois metros de afastamento entre elas. A madeira das mesmas se apresenta em diferentes estados de conservação, uma vez que houveram trocas pontuais de acordo com a necessidade e o desgaste das anteriores. É também possível observar que aparentemente foi utilizada madeira de mais de uma espécie.

As madeiras por conta do tempo se encontram em más condições de uso, estando parte de sua madeira podre ou com perda de material. Há partes também onde devido a diferença dos níveis, parte da terra onde estavam fixadas as estacas, cedeu e fez com que nesses trechos a cerca esteja sem nenhum suporte de fixação por meio das estacas. Em consequência, a cerca se mantém instável no terreno, já não sendo medida de segurança que garanta que pessoas não venham a adentrar no terreno. Parte também aparenta estar desgastada por conta de fogo proveniente da queima de resíduos no lote que podem ter alcançado a madeira, como se pôde observar (FIG. 13) nas proximidades dentro do terreno. Outra real causa de desgaste seriam as próprias intempéries naturais às quais as peças ficam sujeitas como a própria precipitação natural, ou induzida por meios químicos causados pela poluição proveniente de carros entre outros agentes.



Figura 13 –Acumulo de entulho e vegetação no terreno

Fonte: Arthur Vinícius 2015

A parte de fechamento composta pelo arame farpado é fixada nas peças de madeira por meio de pregos, e é distribuída a uma distância em intervalos com média de trinta centímetros, formando quatro fiadas de arame. Em decorrência do arruinamento essa medida apresentada de espaçamento entre os arames só pode ser observada nas partes onde ainda existe madeira, uma vez que por conta do desgaste do material, e estacas que se soltaram, a cerca apresenta dimensões irregulares em sua extensão. Alguns pontos em que houve completo desprendimento das peças do chão (FIG 14), as mesmas se mantem suspensas, presas apenas no arame, podendo vir a causar o rompimento do mesmo. Atualmente o arame se encontra integro, com exceção de oxidação pontual em sua extensão, geralmente próximo aos pontos de grampo onde se encontram as farpas do arame. O portão que dá acesso ao lote se encontra em estado integro de conservação, estando apenas com desgaste na pintura, e com oxidação observada em suas dobradiças e na corrente que é utilizada para o fechamento do mesmo.



Figura 14 – Cerca se desprendendo do solo

Fonte: Arthur Vinícius 2015

O terreno em sua maior parte se apresenta em declive, com testada no nível da Praça de Nossa Senhora da Saúde. Ao redor da edificação observa-se o acúmulo de entulho, em sua parte advindo do próprio arruinamento, quanto do depósito por parte da população no perímetro pertencente ao lote. Existe também a forte presença da vegetação no local se misturando com o lixo, e partes ainda do telhado entre outros entulhos depositados no local. Tais acúmulos podem provocar o surgimento de animais no local, como aranhas, ratos, entre outros animais que adotam tais condições como

habitat, podendo vir a figurar como um risco para a população, bem como o acúmulo de água em meio ao lixo, se tornando potencial criadouro para mosquitos causadores de doenças como a dengue por exemplo.

Tanto o passeio que circunda a edificação quanto as paredes são diretamente afetadas pela umidade do terreno. O passeio em sua maior parte hoje se encontra coberto pelo entulho do local, e pela vegetação, sendo que parte do mesmo se perdeu ou veio a fissurar e conseqüentemente se quebrou em partes pontuais, e estando coberto não foi possível fazer uma avaliação de sua totalidade. A maior parte da extensão desse passeio também está aterrada, por conta de conta do acúmulo dos sedimentos do terreno que tendem a descer e se prender próximos às paredes. Elas também apresentam em sua parte inferior traços de umidade ascendente proveniente do próprio terreno no qual estão localadas, bem como o ataque de vegetação rasteira que cresce junto ao entulho, recostado na mesma.

De maneira ascendente, observamos nas paredes o caso das já citadas umidades e vegetação, (FIG 15) mas existe também a presença de destacamentos das camadas de tinta que se somaram com o passar dos anos. As camadas por serem de tipos diferentes acabam reagindo com as intempéries provenientes do ambiente, como os diferentes períodos de dilatação ocasionados pelas temperaturas do local variando entre o úmido e o quente em curtos espaços de tempos e se somando ocasionando o desprendimento. Em partes mais específicas ainda ocorre provavelmente pelo mesmo agente somando a outros fatores como a incompatibilidade dos materiais ou perda de resistência, o destacamento de placas do reboco (FIG 16) da edificação. Agregam-se ainda nas patologias partes onde pode se observar o fissuramento das camadas de revestimento das paredes, assim como sujidade ocasionada pela proliferação de fungos por conta umidade, e de lodo.



Figura 15– Desenvolvimento de vegetação e umidade

Fonte: Arthur Vinícius 2015



Figura 16 – Destacamento de placas de reboco

Fonte: Arthur Vinícius 2015

É interessante ressaltar que a parte da construção correspondente à alvenaria de pedra seca, é a área onde não são observadas patologias significativas ligadas a ela. Observa-se a existência de umidade ascendente proveniente do próprio terreno no qual

ela está locada, e nas partes nas quais aconteceu o aterramento por conta da deposição do entulho e a movimentação da terra no local. Em contraste com essa região onde é notado um menor número de patologias, onde ocorre o encontro dos sistemas construtivos, é notado o crescimento da quantidade de patologias. Na parte correspondente ao meio da parede onde fica a junção das técnicas construtivas dos respectivos primeiro e segundo momento, observa-se uma faixa linear de limitação de umidade. A umidade observada nessa parte ocorre de maneira descendente, advinda do intervalo existente entre as fiadas de tijolo (FIG 17) dispostas emparelhadas com as superfícies externas das paredes, e em decorrência de sua espessura, acaba por existir esse intervalo. Com a falta do arremate que era feito pelo telhado, a água das chuvas bem como a umidade no local, acabam por infiltrar na construção, e depositam-se na junção, uma vez que a superfície de baixo de constitui de maneira solida, impedindo o escoamento pleno da água. A superfície dos tijolos de barro permite assim que a água atravesse sua estrutura e chegue assim até a superfície onde ocorre seu afloramento nas paredes. Junto da umidade, a água começa a criar um habitat propicio ao desenvolvimento de determinadas espécies animais que utilizam esse tipo de ambiente para se desenvolverem. Assim como esses animais de pequeno porte, proliferam-se fungos no local e também vegetação seja de pequeno porte ou musgos. Tal fenômeno pode ser notado com nitidez na fachada lateral direita, e na fachada lateral direita coincide com a parte onde o reboco da casa e seu revestimento se soltaram das paredes. Graças a essa aquosidade nas paredes, seu revestimento apresenta pontos de perda de adesão, e conseqüentemente se soltou.



Figura 17 – Fiadas de tijolo nas paredes arruinadas

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Em decorrência das patologias citadas acima, em certas partes das paredes é observada a coexistência das patologias, onde a umidade convive em “harmonia” com os fungos, bem como o entulho que se acumulou na parte superior das paredes. Na fachada posterior (Ver ficha 04 ao final do capítulo) observa-se a existência de um cano que sobe pela parede sem a devida proteção que deveria ocorrer com argamassa de modo que ele ficasse “dentro” da parede. Por não estar devidamente colocado, o cano exerce a função de guia para a água das chuvas, propiciando a existência da umidade assim como outras patologias ligadas a ela. Ocorre também fissuramento nas laterais, perda pontual do reboco em algumas partes, assim como o depósito de sujeira em consequência da água que escorre durante os períodos de chuva.

Após o trecho de transição dos momentos construtivos, o índice de patologias visíveis se acentua (FIG 18), com um crescimento nas regiões afetadas das paredes, assim como as patologias crescem no seu tamanho e em sua intensidade. A perda da camada pictórica começa a ser percebida em placas onde a pintura se perdeu, ficando o reboco da parede exposto em maiores extensões, assim como em outras ocorre a queda do reboco. As faixas de umidade também por conta do material dos tijolos fazem com que a umidade consiga atravessar as fiadas dos tijolos como já foi citado anteriormente. Existe também o desenvolvimento de vegetação superior por conta da existência dessa umidade que em conjunto com a terra utilizada como rejunte para o assentamento dos tijolos que se desprende das paredes cria um ambiente onde elas se desenvolvem.



Figura 18 – Aumento de patologias próximo a transição de técnicas construtivas

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Apesar de ainda estarem integras em sua parte estrutural composta pela madeira, as esquadrias (FIG 19 e 20) das janelas se encontram com seus vidros quebrados atualmente. Não se sabe com precisão se tal dano foi causado por conta do tempo somado às intempéries das quais as janelas estão expostas, ou causados por vandalismo através da ação humana. A pintura que se apresenta na cor azul sofreu desgaste com o tempo e com a exposição às intempéries no local. Pode se observar sujidade, e também posição de poeira entre outros elementos sob a madeira. A pintura apresenta desgaste bem como partes com craquelamento e em outros pontos apresenta a perda da camada pictórica. A madeira ainda está em bom estado de conservação, sendo necessária uma análise mais aprofundada na mesma com possibilidade até de prospecção para se identificar seu real estado de conservação atual. As partes metálicas das esquadrias como dobradiças e fechaduras são pontos de forte oxidação, e em outras partes houve o rompimento da liga metálica graças a uma oxidação mais avançada que veio a corroer por inteiras as peças.



Figura 19 – Esquadria com vidros quebrados

Fonte: Arthur Vinícius 2015



Figura 20 – Esquadria com desgaste na

madeira

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Outro ponto que carece de cuidados nas esquadrias, nesse caso sendo especificamente nas janelas, é a parte do arremate na colocação dos vidros. Sua fixação

é feita com massa de vidraceiro para a vedação das mesmas. A massa apesar de ser bastante utilizada e apresentar bons resultados, com o tempo pode vir a se desgastar e atacar a madeira. Além de perder suas propriedades com o tempo vindo a ficar ressecada e quebradiça e vir a se soltar, ou não permitir o devido movimento das peças de vidro, ficando estáticas e absorvendo toda a trepidação, podendo fazer com que as peças trinquem.

A porta que dá acesso a casa apresenta determinadas patologias, mas está diretamente ou indiretamente ligada a outras, não necessariamente estando vinculada como causadora. Assim como as janelas, a porta também apresenta partes onde ocorreu a perda da camada pictórica, e outras nas quais acontece o craquelamento. As madeiras começaram a empenar, e algumas frestas podem ser notadas. Acontece também a perda de material em alguns pontos, acompanhada de algumas tricas nas próprias peças que são colocadas lado a lado de modo a formar as folhas da porta. As dobradiças e outras partes de metal são locais com forte processo de oxidação, que em contato com a madeira acaba danificando as peças onde elas perfuram e por conta da oxidação expandem dentro das peças.

Internamente as esquadrias (Ver ficha 05 ao final do capítulo) também apresentam patologias similares às de suas superfícies externas. Em pontos apresenta o craquelamento e a perda da camada pictórica, assim como podem ser observadas pequenas fissuras. A sujidade também se faz presente, e nos peitoris das janelas ocorre o desenvolvimento de vegetação de pequeno e médio porte juntamente com lodo e o ataque de fungos. Em uma das esquadrias pode ser observada também ação humana de pichação, o que pode vir a indicar que outros processos e patologias podem ter ocorrido também por ação humana. As peças de madeira que atuam como barrotes travando a parte posterior das janelas apresenta também o problema de arqueamento, e não possui qualquer tipo de pintura ou verniz de modo que possa proteger a madeira.

Enquanto patologias indiretas causadas na edificação, se destacam os vãos das paredes nos quais estão inseridas as esquadrias, que em função do arruinamento se tornaram pontos críticos na estrutura da residência uma vez que não eram encimados por cintas. De maneira descendente então pode se observar trincas (FIG 21) advindas do processo de arruinamento que culminam com as vergas das esquadrias, sendo rachadura acima da porta a de maior tamanho e conseqüente risco para a edificação. Ao redor das esquadrias são observadas pequenas fissuras advindas possivelmente da

dilatação dos materiais juntamente com a possível incompatibilidade entre eles, ou de trepidação no local.



Figura 21 – Trinca acima da porta de acesso.

Fonte: Arthur Vinícius 2015

A maior parte das patologias observadas na edificação tem sua origem na umidade, que se apresenta e interfere na edificação de mais de uma maneira. Uma parte da umidade observada, tem sua origem na perda do telhado como mecanismo de proteção direta da umidade provinda da chuva, que passou a incidir diretamente nas paredes, o que pode ser causador de parte dos descascamentos, bem como das manchas observadas, ou das partes onde houve estufamento do reboco e conseqüentemente perda de suas camadas.

Outra parte da umidade é proveniente do próprio solo, mas esta influência menos diretamente na estrutura da edificação, por estar em contato com a parte edificada em pedra (FIG 22) Tal parte não se comporta como meio de transmissão da umidade, sendo observados os efeitos dela apenas na parte do reboco, e em algumas partes nas quais acontece o crescimento de vegetação.



Figura 22 – Deposição do solo junto à edificação

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Em sua face interna, as paredes ainda contam com manchas de escorrimento de forma mais intensa, em decorrência da água que ao se acumular, começa a escorrer carregando consigo parte do barro dos tijolos, e fazem com que as manchas sejam constituídas por partículas da argila de terra. Juntamente com essa sujeira começam a se desenvolver fungos, e ocasionam ao secarem o craquelamento e o desprendimento de placas de tinta. A umidade também pode ser destacada como principal patologia, e ataca a maior parte das paredes e está ligada como agente causadora ou potencializadora das outras. Por se tratar de um ambiente fechado e de baixa insolação em algumas de suas partes em determinadas épocas do ano, a umidade se acumula e faz com que cresça a vegetação nas laterais onde ocorre esse processo.

Ao longo das paredes podem ser observadas trincas e fissuras espalhadas, sendo uma na parte superior da porta de acesso, e uma rachadura que se encontra próximo à lateral direita da fachada frontal da edificação (Ver Ficha 01 ao final do capítulo). Essa rachadura vem aumentando consideravelmente com o passar do tempo, e sua origem possivelmente está no recalque do terreno. A mesma se insere no cruzamento dos eixos das paredes das fachadas frontal e lateral, onde o terreno apresenta um desnível culminando nessa região. A rachadura seria então causada pelos esforços das paredes, sendo a da fachada lateral direita de maior volume e peso, e não estando com sua estrutura devidamente amarrada com a fachada frontal. Com isso, a fachada lateral direita (Ver Ficha 02 ao final do capítulo) começa a se soltar e tende a cair, sendo recomendado que seja feito o escoramento o mais rápido possível. Na

rachadura pode ser observado um vão aberto, assim sendo possível observar a estrutura de pedra da parede, bem como o material que se junta dentro da rachadura em decorrência do desprendimento dos mesmos. Essa rachadura pode ser considerada como uma indicação direta desse afastamento das paredes, bem como um sinal de um ponto crítico para a edificação, por conta do afundamento do terreno nesse ponto como pode ser observado (FIG 23). Podem ser observadas ainda manchas de umidade próximas à rachadura, indicando o escoamento de água ou maior índice de umidade dentro da mesma.



Figura 23 – Rachadura próxima a lateral direita da edificação

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Ainda como causador de algumas das fissuras observadas na edificação, ou mecanismo que possa agravar algumas, pode ser citada a trepidação existente no local por conta da linha de ônibus que trafega na proximidade, bem como outros veículos pesados que também passam nas proximidades. Apesar de ser um dos possíveis agentes causadores de fissuras na edificação, tal incidência pode ser considerada menor que os outros agentes causadores na edificação, pelo fato da edificação se encontrar além de afastada da rua, ainda está locada abaixo do nível da rua, evitando assim que parte considerável das ondas de trepidação causadas pelos veículos possa incidir diretamente na edificação. O tráfego de veículos no local também é relativamente menor quando comparado a outras partes da cidade, se limitando aos micro-ônibus que fazem o trajeto da linha local, caminhões ou veículos de porte maior que eventualmente vão até as proximidades, se somando então com os carros para compor o trânsito local.

As outras paredes da edificação apresentam pontos de estufamentos (FIG 24) de seus rebocos, assim como em algumas partes o mesmo está se desprendendo devido a umidade, e geralmente seguindo a altura acima da área construída em alvenaria de pedra seca, proposta como primeiro momento construtivo e onde foi colocado o revestimento de reboco posteriormente.



Figura 24 – Pontos de estufamento de reboco

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Internamente (Ver ficha 06 ao final do capítulo) a edificação repete a maioria das patologias que são observadas externamente. As paredes em sua faixa inferior apresentam faixas de umidade ascendente, que tem como agente causador o mesmo da área externa que atravessa a parede e se apresenta em ambos os lados. Por se tratar de um ambiente fechado e mais propício a umidade, apresenta o desenvolvimento mais acentuado de vegetação de pequeno e médio porte estando sempre próximas as paredes, em função do piso feito em cimento que não permite seu desenvolvimento ao longo da parte mais central da edificação. Outra possível causa do desenvolvimento da vegetação (FIG 25) na edificação seria ainda por conta do arruinamento o desprendimento da argamassa utilizada ainda composta por argila, bem como o próprio barro dos tijolos que ao se desprender criariam um ambiente junto da umidade onde a vegetação pode se desenvolver.



Figura 25 – Desenvolvimento de vegetação dentro da edificação

Fonte: Arthur Vinícius 2015

São também observados internamente pontos onde houve o arruinamento de fiadas de tijolos ficando áreas nas paredes sem material. Ocorre na lateral direita da edificação internamente tal dano, onde a parede veio a perder parte das fiadas formando um buraco na parede de modo que graças a espessura da parede onde foram necessárias duas fiadas, uma ainda possa se manter inteira. Em alguns pontos de arruinamento das paredes são observadas trincas e fissuras e em poucos casos a presença de rachaduras como a já citada localizada na lateral direita da edificação, sendo encontrada outras em outros pontos como na lateral esquerda próximo aos fundos da edificação. Com relação a essas rachaduras, devem ser estudadas suas origens e causadores para uma melhor intervenção nas mesmas. Parte ainda dos pontos de arruinamento onde ocorreu a perda do material, devido a exposição às intempéries, continua a ocorrer o desprendimento da alvenaria, mas estando a parte construída em alvenaria de pedra seca se mantendo mais íntegra que as outras técnicas utilizadas.

O banheiro da edificação em decorrência dos consequentes movimentos das paredes devido ao arruinamento da edificação graças ao arruinamento do telhado e da própria movimentação do terreno começa a se desprender em certos pontos das paredes. O banheiro não possuía uma laje antes do arruinamento da edificação, sendo o fechamento superior do mesmo feito com uma base de madeira que constituía um forro no mesmo, e acima dele se encontrava uma caixa d'água em cimento amianto que abastecia a pia e o sanitário que ainda se encontram no mesmo local. Por se tratarem de dois momentos construtivos distintos, com o afastamento das paredes laterais da

edificação, ocorreu esse afastamento entre as paredes, onde pode ser vista uma rachadura entre elas. Outras partes das paredes do banheiro apresentam trincas e fissuras decorrentes também desse afastamento. Internamente parte da cerâmica do revestimento das paredes acabou por rachar em função das trincas e fissuras apresentadas nas faces externas das paredes do sanitário.

O piso do banheiro é todo cerâmico assim como a soleira que foi feita em um nível acima do piso da edificação, e em seguida ocorre o rebaixamento do piso novamente dentro do banheiro. O vaso sanitário assim como a pia se encontram em plenas condições, apesar da falta de uso, sendo observado nos mesmos o acúmulo de sujeira (FIG 26) e de lodo proveniente do depósito de umidade ou de chuva nos mesmos, uma vez que assim como na edificação, não existe uma cobertura acima do referido banheiro. A porta de acesso do mesmo é feita de madeira e além da oxidação nas dobradiças que dificultam a sua movimentação para abrir e fechar, a madeira da porta está apresentando o encurvamento e um leve arqueamento nas laterais. Os marcos das portas assim como seus arremates estão se desprendendo das paredes, bem como sua pintura está se soltando. Ainda em relação a porta do banheiro existe o acúmulo de sujeira na mesma, assim como o esfarelamento de algumas partes.



Figura 26 – Acúmulo de sujeira na pia do banheiro

Fonte: Arthur Vinícius 2015

Em consequência do arruinamento do telhado, pode se observar o aumento dos processos de patologias ligados a umidade e a água. Como já foram citadas as patologias como as manchas de escorrimento, desprendimento do reboco entre outros, a queda do telhado acentuou e acelerou o processo de arruinamento como um todo. Uma

vez que além da proteção contra a água e fator que poderia diminuir a umidade no local, a perda do telhado ainda ajuda a comprometer a estrutura da edificação com infiltrações decorrentes, o que pode vir a fazer com que o assentamento dos tijolos perca sua eficácia como acontece com os tijolos do que foi proposto como segundo momento construtivo. Os tijolos começam a se soltarem, ou a se deslocarem vindo a causar trincas e fissuras, assim como a perda do reboco nas paredes e a consequente queda de tijolos em locais onde a patologia acontece com maior incidência. Com a consequente queda de fiadas, outros tijolos têm seu assentamento comprometido, e acabam se soltando juntamente.

Juntamente com a umidade começa a se acumular na área interna da edificação arruinada, os períodos de sol, se concentram em áreas específicas durante determinados períodos do ano, fazendo com que essas partes sofram com patologias ligadas a essas mudanças de temperatura, bem como causando problemas ligados a dilatação dos materiais, o que combinado com a diferença dos materiais com suas respectivas características, venha a causar danos nas paredes, podendo ser citadas trincas e fissuras em decorrência desse processo.

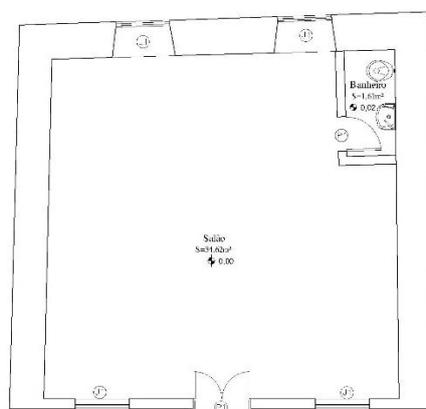
Com relação ainda a perda do telhado, que acentuou a maior parte das patologias existentes dentro da residência, o mesmo pode ter sido ainda causador das rachaduras das paredes com esforços exercidos para fora, de modo que as paredes tenderam a abrirem, fazendo com que os as cargas atuantes sob a parede da fachada frontal que tem uma espessura menor, viessem a sofrer maiores esforços e acabasse por cisalhar após o esforço de tração das cargas atuantes. Sendo assim, poderia ainda os problemas advindos do terreno se somando com os apresentados acima, serem causadores da rachadura, assim como outras trincas observadas na edificação ligadas a movimentação das paredes.

01/06

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



Observações: A fachada frontal da edificação mostra sinais do arruinamento, manchas de escorrimento advindas da água das chuvas, e manchas de umidade. As paredes também apresentam deposição de sujeira provenientes do próprio ambiente, pontos de estufamento e perda do revestimento das paredes.



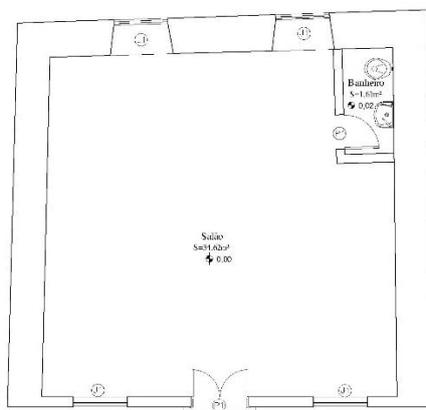
Autor: Arthur V. V. Lucas **Data:** abril de 2016 **Local:** Fachada Frontal

02/06

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



Observações: A fachada lateral direita da edificação apresenta manchas de umidade ascendente, descendente e manchas de escorrimento. Existe também a presença de fungos e o desenvolvimento de vegetação nas paredes, e no topo da superfície. Ocorre a perda da camada pictórica em alguns pontos, e escamação da pintura.

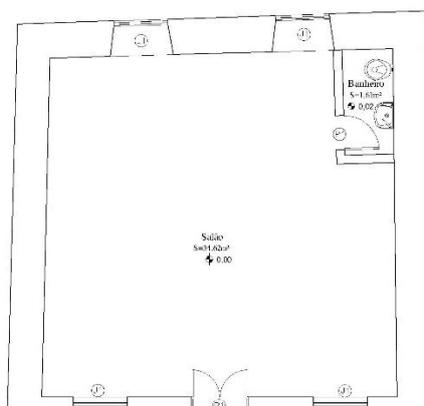
**Autor:** Arthur V. V. Lucas**Data:** fevereiro de 2016**Local:** Fachada lat. direita

03/06

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



Observações: Na fachada lateral esquerda são observados traços do arruinamento como a perda de parte da parede, assim como partes nas quais a alvenaria está aparente devido a perda do revestimento. São vistas também manchas de umidade ascendente e descendente. Manchas de sujeira também se fazem presentes.



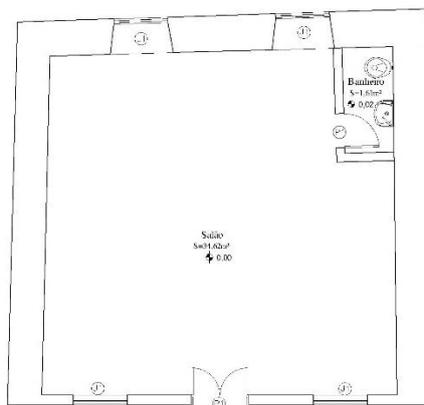
Autor: Arthur V. V. Lucas **Data:** fevereiro de 2016 **Local:** Fachada lat. esquerda

04/06

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



Observações: Em relação a fachada posterior da edificação observam-se traços do arruinamento das paredes bem como nas esquadrias. As paredes além do arruinamento apresentam sinais de desgaste da pintura e revestimento assim como traços de desgaste por umidade. As janelas estão com os vidros quebrados e a madeira sofre o desgaste na pintura e sujidades.

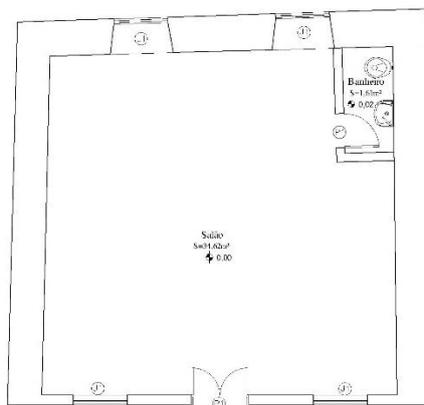
**Autor:** Arthur V. V. Lucas**Data:** fevereiro de 2016**Local:** Fachada posterior

05/06

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



Observações: As esquadrias da edificação arruinada apresentam desgastes nas pinturas, escamação e esfrelamento ainda da tinta, assim como craquelamento e deposição de sujidade. As dobradiças e outras partes metálicas apresentam sinais de oxidação e também desgaste. No caso das janelas apresenta ainda dano nos vidros que se quebraram.



Autor: Arthur V. V. Lucas

Data: fevereiro de 2016

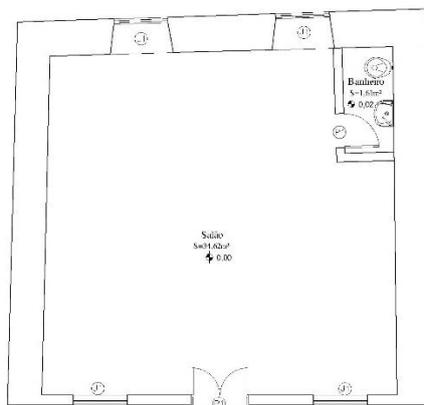
Local: Esquadrias

06/06

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO



Observações: Internamente a edificação apresenta além dos vestígios do arruamento a existência e desenvolvimento de vegetação de pequeno porte. São observados traços de umidade no piso bem como nas paredes, assim como manchas e deposição de sujeira. O banheiro se mantém íntegro, se limitando a problemas ligados ao arruamento da edificação.

**Autor:** Arthur V. V. Lucas**Data:** fevereiro de 2016**Local:** Perímetro interno

6. CONCEITOS E CRITÉRIOS BÁSICOS SOBRE RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO

O conceito de conservação e preservação de monumentos tem seu início provável ainda durante a antiguidade clássica, uma vez que parte de seus monumentos eram carregados de significação e valor histórico para suas civilizações. Tal pensamento estava ligado não só a valores e significados religiosos, mas também do próprio caráter de pertencimento daquele espaço. As manutenções então eram feitas com esse intuito, de que fossem preservadas aquelas edificações para sua perpetuação.

A palavra Monumento, vem do latim “*monumentum*” que em português quer dizer sepulcro, era o nome atribuído ainda na Roma antiga a construções que tinham a finalidade de celebrar ou trazer de volta a memória de fatos ou acontecimentos do povo, ou de imperadores, como os Arcos do Triunfo, que eram feitos com o intuito de contar e remorar grandes conquistas. Graças a atribuição desses valores por conta das populações antigas, tais obras se conservaram ao longo dos anos, graças também às intervenções feitas com esse intuito de preservação das mesmas, e de seus simbolismos.

Foi durante o Renascimento que surgiu o interesse pelas construções antigas, os chamados “*monumentum*”, que por vezes chegavam já deteriorados, uma vez que tais artes por vezes eram desprezadas e até depredadas pela população durante a idade média. A partir do crescimento desse novo valor que passou a ser atribuído com as construções antigas, aos poucos foram sendo definidas novas formas de se conservar aqueles objetos sobreviventes. Data ainda nesse período, a obra concebida por Leon Battista Alberti entre 1443 e 1452, o tratado arquitetônico conhecido como “*de re aedificatoria*”, que constitui de uma obra feita com base no tratado escrito por Marco Vitruvius Polião, e foi escrita no século I a.C, o “*De architectura*”. Nesse tratado, Alberti dedica um volume no qual ele fala sobre a restauração e a conservação de tais monumentos. Esse é um começo das atividades ligadas a preservação onde já começa a ser feito materiais de conteúdo técnico sobre os monumentos antigos.

O erudito Leon Batista Alberti, como quase todos os outros tratadistas, dedica parte do seu trabalho à análise das construções, seus defeitos e a maneira de repará-los, e o que é mais fundamental, a tônica dominante de suas observações

*direciona-se para a importância da durabilidade das estruturas e dos materiais, quando submetidas ao intemperismo.*¹²

Com isso, as noções ligadas ao restauro inconsciente que começou a ser praticado começaram a se melhor definir e passam a se acentuarem no período posterior, durante o séc. XVIII, como a Revolução Industrial que ocorreu na Inglaterra, que veio a ocasionar várias outras mudanças, como o Iluminismo na França e a consequente Revolução Francesa. Tais modificações vieram por alterar significativamente as sociedades, assim como as culturas vigentes no novo período. Nesse período, até por serem considerados berços dessas mudanças, tanto a Inglaterra quando a França, sofrem bastante no que tangiam os monumentos antigos existentes em seus territórios, e é nesse cenário que surgem os dois primeiros teóricos e até hoje tidos como os principais. São eles Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc, arquiteto francês que inicia seu trabalho por volta de 1840, em meio a destruição ocasionada no período pós-revolucionário; e John Ruskin, um escritor e crítico de arte, que viveu na mesma época que le-Duc, em meio a um período de enorme poder econômico, mas sendo extremamente contra todo e qualquer tipo de industrialização, se destacando também por escrever indo contra a sociedade capitalista industrial que se instalava.

Le-Duc contribuiu de ficou conhecido como um grande estudioso, que propunha o máximo conhecimento da obra e de suas características para que se pudesse intervir na mesma da forma mais adequada possível de acordo com os estudos. Era um especialista na arquitetura gótica da qual estudava bastante, com ênfase em suas partes estruturais, que compunham grande parte da obra, e são peças fundamentais nos processos de restauração da época. Foi responsável também pela criação dos registros feitos ao longo de restaurações, nos quais ele elaborava documentações dos edifícios, estudos, e as técnicas utilizadas para intervir, de modo que viessem a constituir material para ser utilizado futuramente. A partir de tanto conhecimento que obtinha sobre as obras nas quais ele iria intervir, ele praticou o que ficou conhecido como “restauro estilístico”, onde ele considerava que o melhor a se fazer era se colocar no lugar do arquiteto primitivo, ou aquele que concebeu a obra, e supor o que ele faria, se voltando

¹² ALBERTI, Leon Battista. L'Architettura [De ReAEdificatoria]. Tradução do latim de Giovanni Olandi. Milão: Polifilio, v.2, 1966

ao mundo, fossem para ele colocados os problemas que são propostos, e com isso ele modificava as obras, por vezes considerava necessário restabelecer a obra de um jeito que ela nunca tivesse sido, ao se colocar no lugar do arquiteto original. Acabava então por mascarar todas as marcas da passagem do tempo na edificação, com suas correções, apesar de serem sempre catalogadas.

Em contraponto, Ruskin com sua visão completamente oposta a industrialização, e com uma visão bastante romantizada vai contra as ideias de Le-Duc. Quando escreve seu principal trabalho, *As Sete Lâmpadas da Arquitetura (1880)*, ele via o mundo inteiro se modificando, e vendo os valores nos quais ele vivera toda a sua vida se perdendo, e se vê em obrigação de tentar manter ou de alguma forma salvar tais valores, que são então atribuídos conseqüentemente as obras, as construções, entre os quais ele defende a preservação em seu trabalho. Ruskin defendia a conservação preventiva e a conseqüente preservação do monumento para que não fosse necessário o restauro do mesmo. Ele presava pela matéria original e sua autenticidade ao máximo. Via também nos vestígios da passagem do tempo e o valor que apresentavam, como se fossem relíquias.

"Podemos viver sem a arquitetura de uma época, mas não podemos recordá-la sem a sua presença. Podemos saber mais da Grécia e de sua cultura pelos seus destroços do que pela poesia e pela história.

Deve-se fazer história com a arquitetura de uma época e depois conservá-la. As construções civis e domésticas são as mais importantes no significado histórico. A casa do homem do povo deve ser preservada pois relata a evolução nacional, devendo ter o mesmo respeito que o das grandes construções consideradas por muitos importantes. Mais vale um material grosseiro, mas que narre uma história, do que uma obra rica e sem significado. A maior glória de um edifício não depende da sua pedra ou de seu ouro, mas sim, do fato de estar relacionada com a sensação profunda de expressão.

Uma expressão não se reproduz, pois as idéias são inúmeras e diferentes os homens; segundo os objetos de diferentes estudos, chegar-se-ia a inúmeras conclusões. A

restauração é a destruição do edifício, é como tentar ressuscitar os mortos. É melhor manter uma ruína do que restaurá-la."¹³

A partir das teorias, das técnicas e dos pretextos propostos pelos dois, surgiram com o decorrer dos anos vários teóricos com pontos de vistas geralmente baseados nos trabalhos dos dois, como Camilo Boito¹⁴. Boito se destaca com a ênfase que ele propõe ao valor documental dos monumentos históricos, e a preservação dos momentos da obra, assim como a devida distinguibilidade da intervenção, para que seja possível ser facilmente diferenciado os momentos da obra, e se ter noção daquilo que é original, e aquilo que foi posteriormente adicionado. Outro que também propõe uma preservação cuidadosa da obra com as marcas da passagem do tempo é Aloïs Riegl, que sugere o restauro científico, e se preocupa com a exposição das fases da obra e seus traços ao longo do tempo. Acaba por condenar assim as práticas de Le-Duc de acréscimo nas obras nas quais o francês interviu, e principalmente traz a ideia de evidenciar a relação do edifício com o seu entorno, e defende assim a convivência do dito antigo com o contemporâneo.

Desde então com a crescente divulgação e conseqüente difusão de ideias sobre o restauro, sua necessidade como forma de se preservar aquilo que era considerado de valor para a população, e servia como um marco de um período, ou até mesmo a identidade daquele povo como foi o caso de Ouro Preto na década de 20, culmina em 1931 com a Carta de Atenas é um manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), onde foram discutidos entre outros tópicos, o caso do patrimônio histórico, onde como um testemunho do passado, devendo ser respeitado por seu valor histórico ou sentimental e por sua virtude plástica. Nesse sentido, condena o emprego de estilos do passado, sob pretexto estético, em

¹³ CHEVROT, Georges. *As pequenas virtudes do lar* (em pt). São Paulo: Quadrante, 1990. p. 50.

¹⁴ BOITO, Camillo. *Os restauradores: conferência feita na exposição de Turim em 7 de junho de 1884*. trad. Paulo Mugayar Kühl, Beatriz Mugayar Kühl. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

construções novas erguidas em zonas históricas, as quais se tornariam falsificadas, ocasionando descrédito aos testemunhos autênticos.¹⁵

O italiano Cesare Brandi, posterior a publicação da Carta de Atenas, foi diretor do Instituto Central de Restauração (ICR) desde sua criação em 1939 até 1960, se configurando como um dos mais importantes coordenadores de restaurações feitas nas cidades europeias após a Segunda Guerra. Em paralelo com suas atividades, ele desenvolve o trabalho Teoria da Restauração, onde ele apresenta novos conceitos sobre o restauro acerca do que já havia sido produzido, sintetizando as teorias já existentes. Ele traduz o conceito de restauro como “o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro” (p. 30) fazendo assim o condicionamento do ato de restauração à compreensão da obra de arte como arte e a conseqüente prevalência do estético sobre o histórico, uma vez que advém da condição artística aquilo que vai então diferenciar a obra de arte dos outros produtos da ação humana. Isso causa uma ruptura com os conceitos anteriores onde a manutenção dos monumentos e sua conservação se dava apenas pelo valor atribuído enquanto documentos históricos e registros. Com a então elaboração de seu conceito sobre restauro, Brandi cria então dois axiomas: 1º. axioma: “restaura-se somente a matéria da obra de arte” (p. 31), 2º. axioma: “A restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo” (p. 33).

Com esses princípios adotados, ele passa a limitar a ação restauradora partindo agora do ponto de vista da instancia histórica, colocando também a instância estética como limites em função da matéria original da obra e definição dela como obra de arte. Na sua teoria ele acaba por se aproximar das propostas de Boito e também de Giovannoni, no que diz respeito ao conhecimento da obra e também na reversibilidade e utilização de novas técnicas, mas preservando sempre a matéria original do objeto. Utiliza-se também da carta de Veneza, entre outros materiais que compõe as bases de sua teoria, sendo a mesma encontrada quando ele fala sobre os sítios e entornos das

¹⁵ Carta de Atenas. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf> Acesso em 27/02/2016

obras, assim como os ambientes nas quais elas estão inseridas, mas sem negar a passagem do tempo e a adequação física.

Com a então contribuição de Brandi, e sua teoria que ainda se configura como uma das mais importantes, as cartas patrimoniais se caracterizam como um material posterior e complementar às teorias então propostas. Elas são fruto da discussão entre arquitetos, e servem como material para análise e embasamento em questões atuais relativas ao patrimônio para a conservação e salvaguarda dos mesmos. São concebidas assim em encontros, fóruns e convenções onde são discutidas recomendações e novas diretrizes de trabalho.

6.1. Restauração em Ruínas

Segundo o dicionário, temos a seguinte definição de ruína:

s.f. Ato ou efeito de ruir; desabamento, desmoronamento: o prédio ameaça ruína.

Restos ou parte mais ou menos informe de um ou mais edifícios desmoronados ou destruídos pelo tempo, explosão, incêndio ou qualquer outra causa natural ou acidental; escombros, destroços, vestígios: as ruínas da Acrópole ateniense. (Neste sentido, é mais comum no plural.)

Fig. Estado de destruição, de degradação; modificação para pior: o casamento salvou-o da ruína moral.

Fig. Enfraquecimento que leva à destruição ou perda; abatimento, aviltamento, decadência; queda: a ruína do Império Romano.¹⁶

Logo, temos ruína como um objeto que após ter estado em forma íntegra por algum ou um conjunto de fatores, veio a se arruinar, seja ele o tempo, intempéries, ação humana, bem como a própria ação da natureza como terremotos entre outros. Existem as ruínas das quais seu valor não foi identificado pela população ou por algum estudo anterior, dos quais faz com que tais objetos se percam, assim como também existem aqueles que tem seu potencial identificado e conseqüentemente explorado, e demandam cuidados e eventual restauração.

¹⁶Dicionário Online de Português Disponível em: <http://www.dicio.com.br/ruina/> Acesso em 27/02/2016

Seguindo a linha de Ruskin, como ele propõe em sua teoria, os conceitos se baseiam numa postura não intervencionista, que tem sua base na preservação e na conservação do bem, para que não seja necessário o ato a restauração do bem. Ele defende com uma visão romantizada que o bem deve cumprir a sua vida útil, assim como qualquer ser vivo que teria de ser concebido, viver e morrer, compreendendo a morte com o fim do bem, sendo necessária sua conservação em vida. Ao se arruinar, ele propõe a intervenção mínima, apenas no intuito de limpeza, e de garantir que ele ainda possa persistir o máximo possível, sem que seja alterado ou modificado em qualquer sentido.

A partir da análise de valores e as relações dos bens, Riegl também faz propostas nas quais ele estabelece uma dimensão funcional para a preservação dos monumentos que vieram a se arruinar. Mas em sua concepção, a sensação de ver uma edificação que possuía um uso e que passou a não o ter mais, pode proporcionar um súbito sentimento de destruição violenta. E no caso dos edifícios que já conhecemos sem uso, a falta de uma atividade humana não é tão perturbadora (como as ruínas de um castelo medieval, ou de um templo romano), distinguindo, dessa forma, as obras mais antigas das mais recentes, e de modo semelhante, as obras mais suscetíveis a serem utilizáveis ou não.

A restauração de ruínas é um caso peculiar pois como defende Brandi, a sua matéria já se perdeu, e a reconstituição daquele objeto se figuraria como uma tentativa de reconstituição daquilo que já foi perdido se caracterizando assim como uma falsificação do bem. Brandi propõe que as ruínas devem ser conservadas, e que seja sempre feita a intervenção mínima, apenas com o intuito de se estabilizar a mesma, para garantir sua integridade.

Na Carta de Veneza ou Carta internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios, surgiu do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Escritório, foi dedicado uma parte voltada para ações em sítios arqueológicos e ruínas. Tal congresso aconteceu em 1964, na cidade Veneza, com a participação de diversos profissionais da área, onde juntamente com diversas recomendações para a ação da restauração, de onde se extrai a recomendação voltada para ruínas:

“Artigo 15º Os trabalhos de escavação devem ser executados em conformidade com padrões científicos e com a "Recomendação Definidora dos

Princípios Internacionais a serem aplicados em Matéria de Escavações Arqueológicas", adotada pela UNESCO em 1956

Devem ser asseguradas as manutenções das ruínas e as medidas necessárias à conservação e proteção permanente dos elementos arquitetônicos e dos objetos descobertos. Além disso, devem ser tomadas todas as iniciativas para facilitar a compreensão do monumento trazido à luz sem jamais deturpar seu significado.

Todo trabalho de reconstrução deverá, portanto, deve ser excluído *a priori*, admitindo-se apenas a anástilose, ou seja, a recomposição de partes existentes, mas desmembradas. Os elementos de integração deverão ser sempre reconhecíveis e reduzir-se ao mínimo necessário para assegurar as condições de conservação do monumento e restabelecer a continuidade de suas formas.”¹⁷

Para a elaboração de tais orientações, foram feitos vários debates levando em consideração diversos aspectos tanto teóricos quanto operacionais do patrimônio. Assim como as outras cartas ele tem a função de sintetizar parte dos conceitos adotados, e das formas aplicadas nos trabalhos que eram feitos, de modo a submetê-los a uma mesma forma de intervenção.

Embora o estado de arruinamento caracterize sempre a perda do material ou de parte da essência física do bem, seu valor ainda permanece, mas que por uma vez ter se perdido a matéria, não deve haver então recomposições uma vez que parte dele se perdeu, mas sim a sua estabilização e sua conservação. Esse é um conceito chave que foi adotado ao longo dos anos e de trabalhos que foram feitos, apesar de cada teórico, ou das Cartas Patrimoniais se modificarem ao longo dos anos.

A partir de tais conceitos e teorias apresentados, tem-se que na intervenção da ruína, deve se prezar sempre pela sua distinguibilidade em relação a intervenção sendo claro para aqueles que a observarem aquilo que ainda conserva sua matéria original, e aquilo que foi posteriormente adicionado no local. Deve ser garantida também a reversibilidade daquilo que foi executado, de modo que futuramente possa ser removido se assim se fizer necessário sem que a ruína seja danificada e que se mantenha preservada. Além dos materiais terem de assegurar a estabilidade, segurança e uma diferenciação rápida entre aquilo que mantém ainda alguma relação com o passado da ruína daquilo que é posterior, deve-se também ter em mente durante o processo que o

¹⁷ Carta de Veneza, disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf> Acesso em 27/02/2016

projeto de intervenção em momento algum deve se tornar algo que venha a se destacar mais que o objeto do qual ele está associado. O projeto deve garantir a harmonia e uma coexistência dos dois, sem que um venha a suplantar o outro.

7. PROPOSTA DE CONSOLIDAÇÃO

A proposta de consolidação a ser apresentada tem como objetivo evitar que o processo de arruinamento tenha prosseguimento no bem em estudo. A consolidação deve ocorrer de modo que seja possível a reversibilidade do trabalho de salvaguarda para a eventual execução de um novo projeto.

É importante que em conjunto com o projeto que visa a consolidação da ruína em caráter preventivo, sejam realizados trabalhos arqueológicos nas proximidades da ruína, a fim de que possa ser comprovada a real natureza do objeto. Como foi proposto, através da análise da técnica construtiva utilizada para que fosse concebido o primeiro momento da edificação, foi levantada a hipótese da provável data de construção, que corresponderia a um período bem anterior a ocupação atual do bairro, correspondendo ainda ao período de extração na região. Poderia, com tal comprovação então, estabelecer novos parâmetros para a consolidação da mesma, bem como o vínculo com o projeto existente do Parque Arqueológico do Morro da Queimada, se fosse possível.

Antes de serem feitos quaisquer processos para a estabilização, deve se ter em mente a necessidade do escoramento no objeto, como foi indicado em visita no local ainda com o intuito do levantamento e identificação do bem. Apesar de sua estrutura de pedra ainda estar íntegra, deve se observar que parte das paredes que foram erguidas no momento posterior não apresentam tal resistência, e necessitam de tal escoramento ainda por conta do tempo em que ficou exposta desde a perda do telhado. O escoramento deve ser feito nas paredes que apresentarem condições de instabilidade, escoramento visando a redução de esforços na edificação. Também se tem como objetivo evitar o deslocamento da estrutura durante eventuais trabalhos de levantamento feitos no local para complementação dos processos aqui observados, propiciando a segurança tanto das pessoas envolvidas, quanto do bem como um todo. Devem ser feitos tais apoios em pontos seguros das paredes, longe de pontos críticos onde possam acelerar o processo de degradação do bem. Esse processo visa assim a redução de esforços na edificação, assim como evitar que as paredes se mantenham deslocando na velocidade atual. Deve ser também avaliadas as paredes do banheiro para que se constate sua integridade, e de modo que as mesmas não venham a causar esforços nas outras paredes.

Como foi citado anteriormente em relação as patologias identificadas na edificação, aquela que é provavelmente uma das mais expressivas e que mais atinge a ruína, é a umidade. Essa umidade observada possui basicamente duas fontes causadoras principais que carecem de tratamento: Uma delas atua de maneira descendente que tem sua origem no arruinamento do telhado, e a outra que age de maneira ascendente, proveniente do próprio solo onde está a ruína está inserida. Essa umidade ascendente fornecida pelo solo, pode ter como causadores o entulho depositado no terreno assim como a matéria orgânica de folhas entre outros materiais que foram depositados ao redor da edificação ao longo de seu lote. Tal processo atua diretamente nas paredes causando outras patologias, e deve ser tratado com a retirada das fontes causadoras, como a limpeza do lote, para que se evite não só o acúmulo de umidade, mas também para que se evite que nesse ambiente animais venham a criarem um habitat. Esse trabalho deve ser realizado com a remoção do excesso do entulho e da terra que se acumulou ao redor da edificação e que atualmente se encontra em contato com as paredes das fachadas posterior e lateral da edificação. Deve ser adotado assim o nível do passeio que circunda a edificação, e feita a retirada desse material, enquanto for constatada a estabilidade das paredes nas quais ela mantém contato. O terreno deve ser limpo de forma adequada e também ocorrer a remoção tanto da matéria orgânica, do lixo e do entulho, assim como elaborar formas de evitar que venha a se acumular novamente, ou que ocorram limpezas periódicas. Dentre outras medidas que possam ser adotadas para se evitar a umidade ascendente, pode ainda ser feito um colchão de areia ao redor da edificação que também ajuda a diminuir os níveis de trepidação que incidem para com a edificação.

Com relação a umidade descendente, sua maior causadora foi a perda do telhado da edificação, o que fez com que esse processo se acentuasse com o passar dos anos que se seguiram ao arruinamento. Por meio da chuva assim como da umidade natural do local, tornou-se uma das principais causas do arruinamento, fazendo com que seja necessária a intervenção de modo que se reduza tal patologia. Seria necessário construir um novo telhado para que fosse evitada adequadamente a ação da umidade descendente nas paredes, e as implicações da mesma na edificação como um todo. Não sendo possível dispor de um novo na ruína dada a sua integridade comprometida e sua situação de instabilidade, recomenda-se que seja feita alguma estrutura de modo que seja evitada a ação da umidade, assim como vir a proteger a edificação com relação a água proveniente de chuvas. As águas pluviais como já foram citadas anteriormente

atuam internamente na edificação criando um ambiente propício para a proliferação de vegetação e de fungos. Sendo assim, esse telhado atuaria protegendo a ruína das chuvas e evitando a ação da umidade descendente. A estrutura de sustentação dessa cobertura deve ser concebida de maneira que independa da estrutura existente na edificação, e que não prejudique ou danifique a mesma. É necessário também que seja garantida a reversibilidade nesse processo assim como é proposto nas teorias do restauro, de modo que não se altere a edificação durante os processos de salvaguarda, e que se garanta sua estabilidade até que esses processos sejam realizados. Essa cobertura deverá ser executada então com materiais adequados de modo a se constituir uma estrutura independente que sustente a cobertura. No intuito de conservar as partes nas quais ocorreu a perda da parede nas lateais da edificação, pode ser colocado um chapim para evitar novas infiltrações no local e assim assegurar a estabilidade dos pontos, uma vez que os mesmos além da constante exposição podem ter perdido em função do tempo parte de sua resistência sendo pontos locais onde podem ocorrer novas perdas de material.

Sendo removidos os dois pontos principais causadores de umidade na edificação após o devido escoramento das paredes, devem ter início então aos processos que visassem sanar as outras patologias incidentes na edificação. Com relação as paredes, deve ser avaliada a vegetação que cresce próxima, de modo que suas raízes não interfiram na estabilidade da construção para serem removidas, uma vez que raízes profundas podem vir a abalar a estrutura, ou abrir caminho para que outros agentes como a água venha a incidir. Deve ser removida a vegetação, uma vez que além do dano mecânico causado pelas raízes, a mesma ainda libera substâncias que auxiliam na corrosão dos materiais. Após a retirada da vegetação existente, é necessário garantir que a mesma não possua condições de voltar a crescer, com a remoção adequada de suas raízes, e desfazer o ambiente no qual ela se inseria. Os pontos nos quais são constatados estufamentos do revestimento, devem ser retirados e limpos para impedir que esse dano se espalhe na parede e faça com que o estufamento venha a aumentar.

Em relação as manchas de escorrimento, craquelamentos, perda de camada pictórica e outras patologias, deve ser feita a retirada das camadas de tintas acumuladas e ser feita uma nova pintura no local com o intuito de proteger as paredes. Para essa nova tinta, recomenda-se que seja utilizada uma tinta à base de cal que não faça o selamento na parede como o caso de tintas acrílicas. As manchas devem ser retiradas

utilizando equipamento adequado como uma espátula sem que seja removido a parte do reboco da edificação, e conseqüentemente recompondo a pintura posteriormente.

As esquadrias da edificação por serem concebidas em madeira carecem de um estudo aprofundado para garantir a integridade do seu material por conta da exposição as intempéries antes de outras conclusões sobre elas. Dado esse trabalho, elas devem ser devidamente higienizadas e em seguida lixa-las para que posteriormente sejam pintadas. No caso do vidro deve ser recomposto integralmente com novas peças. Ainda em relação as esquadrias, sua recomposição deve ser feita integralmente, assim como a troca das peças oxidadas que fazem sua fixação, assim como o tratamento das madeiras antes da montagem. Se tratando das portas devem ser adotados processos assim como os das portas consistindo em sua higienização, remoção de suas camadas de tinta, e a utilização de uma nova tinta sendo preservada sua cor.

Internamente devem ser adotados processos que venham a eliminar a umidade do piso caso seja constatado que mesmo após executadas as medidas para diminuir a umidade proveniente do exterior da edificação citados acima não surtiram efeito. Seria necessário então identificar os agentes causadores, para que pudessem ser tratados adequadamente, e com medidas que não venham a interferir na estrutura da ruína. As paredes necessitam de tratamento que pode ser baseado nas medidas adotadas na parte exterior na remoção de agentes causadores, assim como medidas que podem ser empregadas no intuito de diminuir os danos nas paredes como os casos dos estufamentos do revestimento.

Acerca das paredes ainda é necessário manter a atenção com seu estado após executados os escoramentos, uma vez que para a indicação dos mesmos foram levadas em consideração as condições apresentadas atualmente, e pelo que foi observado. Caso continuem a aparecerem novas rachaduras ou trincas deverá ser elaborado um novo estudo para que possa ser feita a intervenção adequada à nova situação. Tal processo ocorre uma vez que os escoramentos tendem a atuarem encima das patologias observadas atualmente, podendo haver outras que interfiram diretamente na ruína, e causem os danos que foram observados. Sendo assim, se faz necessária a higienização das paredes após a retirada da umidade da mesma, para evitar que mesmo após o tratamento dos outros danos nelas eles continuem presentes fazendo com seja necessário executar o retrabalho encima do que feito. Devem, portanto, ser limpas, higienizadas de acordo com o que for possível sendo levado em conta os materiais e suas especificidades sem que se deteriore os mesmos.

8. CADERNO DE ENCARGOS

Com as indicações feitas anteriormente, podemos então constituir uma lista de serviços e processos que devem ser executados:

8.1. Serviços preliminares

Entre os serviços preliminares a serem executados na edificação arruinada, deve ser feito o escoramento com urgência da parede da lateral direita da edificação, que está se desprendendo da parede da fachada frontal em decorrência de movimentação do terreno bem como outros problemas estruturais. O escoramento deve ser feito com madeiras ou outro material que se mostre capaz de resistir aos esforços que serão aplicados sobre ele. Consiste também como serviço preliminar identificar quaisquer outros pontos que apresentem novas rachaduras, ou que possa comprometer a integridade da edificação.

8.2. Entorno da edificação

8.2.1. Cerca

Deve ser feita a recuperação ou reconstrução da cerca que além de delimitar o terreno pertencente a edificação, ainda faz o papel de garantir que outras pessoas não adentrem no perímetro. No estado atual, ela se encontra sem integridade uma vez que as madeiras que faziam sua sustentação se perderam, ou por conta das próprias intempéries vieram a apodrecerem e perder sua resistência. Contudo, a cerca deve ser recomposta utilizando madeiras ou outro material com o intuito de recompor a cerca para que ela possa novamente cumprir suas funções. O fechamento da cerca era feito com arame farpado, que também deve ser recomposto no processo de reconstrução da cerca, podendo ser utilizado um novo arame farpado como o original, mas estando em reais condições de uso, ou se fazendo usar algum novo tipo de arame ou material que possa cumprir tal função de fechamento, sem que impeça a visualização do bem ou interfira no processo.

8.2.2. *Limpeza*

Em decorrência do processo de arruinamento em conjunto com o conseqüente descaso gerado com o local, ocorreu a deposição de entulho ao redor da edificação, de modo que o mesmo se acumulou com o passar do tempo. Recomenda-se a remoção do mesmo para que ele possa ser então destinado a outro fim, como por exemplo o aluguel de uma caçamba para que o mesmo além de ser removido possa ser destinado a um local adequado. Existem pedaços ainda da edificação, bem como materiais advindos de outros locais em meio ao entulho, que devem ser retirados e dados os devidos fins aos mesmos, bem como se faz necessário que os responsáveis por tais processos possam retirar aquilo que lhes pertencer em meio ao que foi depositado. O material que for considerado pertencente a edificação e for comprovado o valor do mesmo, deve ser guardado para futuras intervenções que possam ocorrer na edificação de acordo com o critério que for adotado pelo profissional responsável.

8.2.3. *Vegetação*

Assim como ocorreu com a deposição de entulho no local, registra-se também a presença de vegetação que veio a se desenvolver no terreno onde se encontra a edificação. Tal vegetação pode representar um risco para a integridade da ruína por conta de suas raízes, assim como problemas advindos com o seu desenvolvimento e criando assim um ambiente no qual possam se desenvolverem animais em meio a vegetação em conjunto com o entulho. Deve ser removida portando a vegetação do local, assim como a matéria orgânica advinda das árvores próximas ao terreno que depositam folhas em seu perímetro. As folhas além de matéria orgânica constituem como adubo que propicia o desenvolvimento das plantas existentes no local. As plantas assim como o entulho devem ser destinadas a um local apropriado para que seja feito seu descarte de maneira correta. Também deve-se garantir que as mesmas sejam retiradas corretamente para que não venham a crescer novamente no local. Não devem ser utilizados produtos de capina química ou quaisquer tipos de agentes que possam causar danos a integridade do local, bem como às pessoas que habitam próximas ao bem.

8.2.4. *Terra*

Houve no local uma movimentação de terra na qual parte do material acabou por se depositar em contato com a edificação, causando além do dano físico, um maior contato direto com a umidade. A terra é proveniente do próprio terreno, mas também existe a presença de um pó de brita que também causa a patologia na edificação. Deve ser adotado um nível no local para que o terreno possa ser acertado seguindo esse nivelamento, e que o excesso do material que for retirado durante o processo ou seja usado para nivelar outras partes do perímetro, ou que seja descartado de maneira adequada assim como foi citado anteriormente como nos casos do entulho e da vegetação. No terreno também precisa ser colocado uma estrutura de arrimo elaborada em pedra ou algum outro material para que essa estrutura evite que ocorram novas movimentações bem como parte do desnível em relação a rua se mantenha íntegra e não venha a cair novamente, evitando assim o processo de deposição de terra no local.

8.2.5. Umidade

A umidade existente no terreno tem sua origem no solo relacionado com os problemas citados acima seja por conta da deposição de entulho e da vegetação que impedem que os níveis de insolação no local não sejam adequados assim como pelas árvores existentes nas proximidades. Com a adoção dos processos citados acima, tende-se a diminuir consideravelmente os níveis de umidade no local, mas além dos mesmos pode ser indicada a colocação de um colchão de areia em volta da edificação sendo resguardada a distância das paredes. Tal mecanismo visa além de evitar que a umidade do solo possa incidir na ruína, evitar o dano causado pela trepidação advinda do próprio solo ou do tráfego de veículos nas proximidades. O colchão deve ser elaborado com medidas previamente definidas e adequadas para que possa assim cumprir sua função e contribuir na manutenção da integridade do bem.

8.3. Estruturas

8.3.1. Estrutura de escoramentos

Além do escoramento emergencial citado anteriormente, podem ser necessários novos escoramentos nas paredes da edificação, de acordo com o comportamento das mesmas. Durante os processos citados podem aparecer novas trincas, ou acontecer que algumas existentes venham a aumentarem comprometendo a estrutura. Sendo assim, podem ser necessários novos escoramentos nas paredes da edificação, ou em qualquer outro trabalho em que possa ser comprometida a estrutura da edificação, seja ele interno ou externo. Os escoramentos devem ser feitos em madeira ou outro material de equivalência em termos de resistência aos esforços aplicados sobre eles, assim como não devem causar nenhum dano na edificação de maneira direta ou indireta, entendendo-se por perfurações na estrutura ou danos do tipo.

8.3.2. Estrutura de cobertura

No intuito de se evitar a umidade enquanto agente potencializador do arruinamento, recomenda-se uma estrutura que possa fazer a função de uma cobertura, para evitar que as chuvas incidam diretamente no interior da edificação. Essa cobertura se constituiria de uma estrutura para suportar uma cobertura. Essa cobertura deverá ser feita com materiais que não exerçam demasiado peso encima dessa estrutura para que a mesma possa ser elaborada de maneira mais simples. O telhado poderia ser feito com telhas zincadas ou qualquer outro material para cumprir essa função. A estrutura de sustentação do mesmo deverá ser feita também em materiais resistentes, mas de modo que toda e qualquer intervenção ou estrutura colocada garanta a reversibilidade. Sendo assim, não se recomenda a utilização de materiais como concreto para elaboração dessa estrutura. Podem ser utilizadas ligas metálicas, estrutura de alumínio ou até mesmo peças de madeira, sendo resguardado o distanciamento das paredes e que nenhuma das estruturas dessa proposta de cobertura venham a se apoiarem na edificação existente. Esse processo é recomendado em caráter paliativo para diminuir o processo de arruinamento, mas deve ser substituído o quanto rápido possa ser feito um novo projeto.

8.4. Piso

O piso da edificação apresenta danos causados pela umidade, que juntamente com trincas e fissuras e o desgaste do revestimento. Existe também o desenvolvimento de vegetação próximo ao encontro das paredes com o piso. Ainda em

relação ao piso existe da deposição de entulho e vegetação no local. No meio do entulho observado existem materiais diversos assim como parte do arruinamento da edificação. Deve-se proceder com a parte do entulho bem como qualquer outro material que esteja depositado dentro da edificação e que não possua nenhuma finalidade ou uso. O piso ainda deve ser avaliado em relação a trincas e ao desgaste, e se constatada a necessidade, deve ocorrer a intervenção apropriada como a recomposição, ou troca pontual. Ainda com relação a possíveis trabalhos arqueológicos realizados no local devem ser evitadas intervenções irreversíveis no local.

8.5.Paredes

Nas paredes ocorre o crescimento e desenvolvimento de vegetação o longo das paredes, que deve ser removida sendo resguardado o cuidado na remoção para evitar o dano na estrutura das paredes. Com relação a umidade os processos adotados anteriormente agindo em conjunto tendem a diminuir, mas pode ser adotada também a utilização de um chapim encima das paredes para evitar que a umidade e a água de chuvas venham a se infiltrar diretamente dentro das paredes no intervalo das fiadas de tijolo. As paredes devem ser limpas e serem removidas as manchas de umidade e de sujidade, com alguma limpeza mecânica ou com a utilização de algum produto que não venha a agredir a parede. Tais medidas realizadas em conjunto com as anteriores tendem a garantir a estabilidade das paredes bem como evitar que o processo de arruinamento continue no ritmo no que ele se apresenta atualmente.

8.6.Banheiro

Entre os reparos a serem executados no banheiro, se destacam a recomposição pontual das paredes. Devem ser avaliadas as condições do vaso sanitário e da pia para se ter real conhecimento do funcionamento e se será possível utilizá-los futuramente. Atualmente eles se encontram sem abastecimento, uma vez que a caixa d'água foi removida durante o processo de arruinamento onde se perdeu a estrutura que a sustentava acima do banheiro. Ainda em relação a caixa d'água, deve ser verificado se ainda existe o fornecimento de água na residência se for constatada a necessidade de recolocar a mesma para a utilização posterior do banheiro.

8.7.Esquadrias

As esquadrias precisam ter a estabilidade individual de cada uma avaliada antes que seja feito um projeto de intervenção e possível reforma das mesmas. As janelas necessitam de recomposição dos vidros bem como a análise da madeira. Elas podem ser recompostas ou reformadas se necessário.

9. CONCLUSÃO

A edificação que veio a se arruinar em função do tempo e de consequentes problemas que deverão ser estudados mais a fundo, apresenta-se na necessidade de ser restaurada por conta do valor atribuído pela população local, no intuito da recuperação do valor que ela apresenta para os moradores. Por ter feito parte da vida de muitos fosse ela como escola, ou em função de outros papéis que desempenhou ao longo dos anos. A atribuição de valor não só material, mas de caráter sentimental da população é algo comum e presente entre os moradores mais antigos do presente bairro, que pedem pela preservação de seu patrimônio como forma de preservação de seus valores e história.

Os serviços e propostas citados para que seja feita a salvaguarda da edificação devem ser executados para que em conjunto com novas ações e um consequente projeto de restauração da ruína, possa dar vida nova ao bem arruinado. As ações em caráter emergencial devem ser executadas com urgência para garantir que seja possível garantir a integridade do bem.

Devem ser executados os trabalhos com a finalidade de descobrir a natureza do bem, para além de propiciar uma melhor intervenção nele, poderem ser atribuídos novos valores para com ele.

10.REFERENCIAS

- AIRES-BARROS, Luís. As rochas dos monumentos portugueses: tipologias e patologias. Lisboa: IPPAR, v.2, 2001.
- ÁVILA, Afonso. GONTIJO, João Marcos Machado. MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco Mineiro, Glossário de Arquitetura e Ornamentação*, 1996.
- Academia Ouro-Pretana de Letras, *A Família Ouro-Pretana*.
- ASHTON, Rafael Ferreira. ATAIDES, Guilherme I. N. Dossiê de Tombamento do Cemitério São Miguel Arcanjo. Ouro Preto. Minas Gerais. 2008.
- BANDEIRA, Manuel. Guia de Ouro Prêto. Coleção Prestígio Edição 4. Editora Edições de Ouro, 197?
- BARBOSA, Lauro Sérgio Versiani e Dornelas Humberto. *Memórias de Ouro Preto*, 1993.
- BARRETO, Paulo Thedim. Casas de Câmara e Cadeia. Revista do SPHAN, nº11, 1947.
- BOITO, Camilo. *Os restauradores*. Conferência feita na exposição de Turim de 1884. Tradução de Beatriz M Khül. Cotia: Ateliê Editorial, 2002
- BOHRER, Alex Fernandes. *Ouro Preto um novo Olhar*.
- BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. População e escravidão nas Minas Gerais, c. 1720. In: 12º Encontro da Associação Brasileira de Estudos da População – ABEP, GT População e História, realizado em Caxambu (MG), outubro de 2000. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/hist1_5.pdf. Acesso em 15/11/2016.
- BRANDI, Cesare. Teoria del restauro. Turim: Einaudi, 1963. Teoria da restauração. Tradução de Beatriz M Khül. Cotia: Ateliê Editorial, 2004
- CARVALHO, Feu de. Pontes e chafarizes de Villa Rica de Ouro Prêto. Edições Históricas, Universidade do Texas. Digitalizado em 12 Nov. 2015
- CHOAY, F. Alegoria do patrimônio. Tradução de Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001
- COSTA, Lucio. Arquitetura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- DRUMMOND, Maria Francelina Silame Ibrahim. *Ouro Preto cidade em três séculos; Bicentenário de Ouro Preto; memória histórica (1711 – 1911)*.
- ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. Pluto Brasiliensis. Trad. Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda; São Paulo: EDUSP, v.1 e 2. 1979.
- E.E. Viollet-le-Duc. Restauração. Trad. Beatriz M Khül. Cotia: Ateliê Editorial, 2004
- FONTANA, Luiz. *Referências*.

- FERRAND, Paul. Explorações antigas. In: O ouro em Minas Gerais. Trad. Júlio Castanõn Guimarães. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998. p.91-131
- GUSTAFSON, Maj. *Vila Rica Ouro Preto Verdade e Lenda*, 1983.
- HENRIQUES, Fernando M.A. *Humidade em Paredes*. Lisboa: LNEC, 1994.
- HERVÉ, Théry. *Paris Masson*, 1995. OLIVEIRA, Mário Mendonça de. *Tecnologia da Conservação e Restauração – Materiais e Estruturas. Roteiros de Estudos*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/UFBA, 1995.
- IPHAN. Manual de Arqueologia Histórica em Projetos de restauração. (COORDENAÇÃO: Rosana Najjar). Brasília: Grupo Tarefa/IPHAN - Programa Monumenta/BID, 2001. (versão preliminar)
- IPHAN. Manual de Apresentação de Projetos de Preservação do Patrimônio Cultural. Brasília: Grupo Tarefa/IPHAN - Programa Monumenta/BID, 2002. (versão preliminar)
- IPHAN. Caderno de Encargos de Obras de Preservação do Patrimônio Cultural. Brasília: Grupo Tarefa/IPHAN - Programa Monumenta/BID, 2002. (versão preliminar)
- JÚNIOR, Augusto de Lima. *Vila Rica do Ouro Preto, síntese histórica e descritiva*, 1957.
- LEITE, Terezinha Lobo e PINTO, Alessandra Xavier. *Ouro Preto sua história, seus encantos, sua magia...*
- LIMA, Flausino Nascimento. *Manual de conservação preventiva da Capela de São Sebastião*, 2014
- LIMA JUNIOR, Augusto de. *A capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte; Itatiaia*. 1978.
- LOPES, Francisco Antonio. *Os Palácios de Vila Rica, Ouro Preto no ciclo do Ouro*, 1955.
- MAIA, Adhalmir E. dos Santos. *Uma Breve história de Vila Rica e um pequeno Roteiro de Ouro Preto*.
- MASCARENHAS, Alexandre Ferreira. *Patologias e restauração dos estuques ornamentais e estruturais em edificações históricas*. Monografia de mestrado pelo programa de Pós-graduação da Engenharia Civil da Universidade Federal Fluminense, 2005.
- MENICONI, Rodrigo Otávio de Marco. *A construção de uma cidade-monumento: o caso de Ouro Preto*. 1999. Dissertação - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- MOURÃO, Paulo Krüger Corrêa. *As Igrejas Setecentistas de Alma*
- MOURÃO, Isaura (coord.). *Memória Viva. Ouro Preto: Alcan Alumínio do Brasil Ltda*. 2000.
- OLIVEIRA, Mário Mendonça de. *Tecnologia da Conservação e Restauo – Materiais e Estruturas. Roteiros de Estudos*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/ UFBA, 1995.

PENA, Tahís Proença Diniz Pena, *Ouro Preto Passo a Passo*, 2000

PROGRAMA MONUMENTA BID/ GRUPO TAREFA. Manual de Conservação Preventiva para Edificações. 58 MOURÃO, Paulo Krüger Corrêa. *As Igrejas Setecentistas de Almas*.

RIEGL, Alois, El culto moderno a los monumentos : caracteres y origem .

Madrid: Visor, 1987.

Ruskin, j. Le sete lampade dell'architettura. Tradução de Renzo Massimo Pivetti. Milão: Jaca

BookSALLES, Fritz Texeira, *Vila rica do Pilar*, 1999

VASCONCELLOS, Sylvio de Vila Rica: *formação e desenvolvimento- residências*, 1956.

Referências digitais:

<https://www.acteon.com.br/por/cidades/mgouropreto.htm> <Acessado em: 04/012/2015>

<https://www.br.viarural.com> < Acessado em: 05/12/2015>

<http://www.bomsera.com.br/historia.html> acesso em 19/12/2015

cidadebrasileira.br/brasil/brasilcola.com acesso em 15/12/2015

www.cidadeouropreto.com.br/op_historia.html acesso em 16/12/2015

<http://morrodaqueimada.fiocruz.br/pdf/Morro%20da%20Queimada%20seculo%20XIX.pdf> Acesso em 17/12/2015

<http://www.museudainconfidencia.gov.br/interno.php> acesso em 17/12/2015

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/ouro-preto/ouro-preto.php> acesso em 16/12/2015

<http://www.ouropreto.org.br/port/liberdade.asp> acesso em 15/12/2015

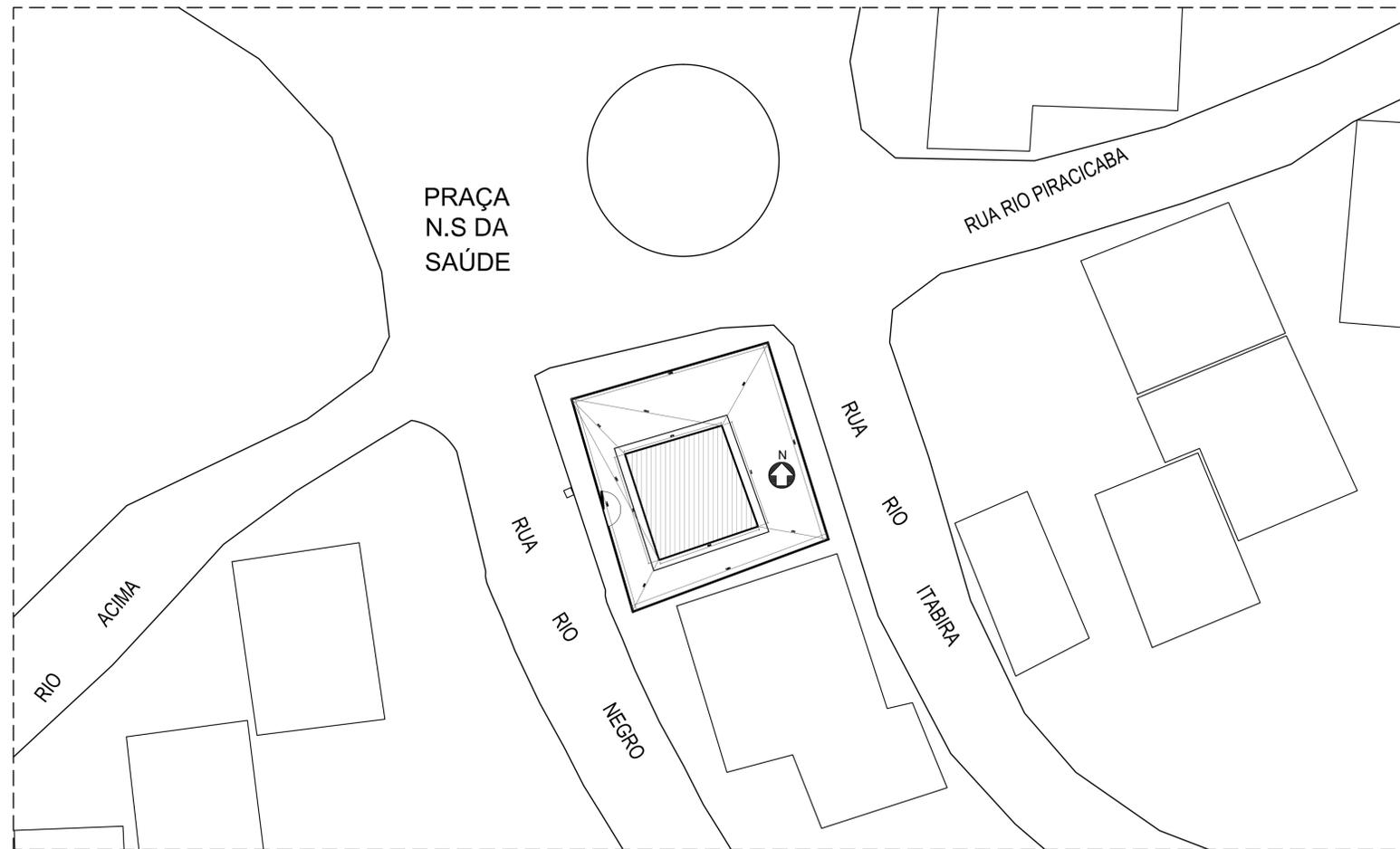
www.ouropreto.mg.gov.br/patrimônio Acesso em 15/12/2015

www.ouropretovirtual.com/chafarizes-e-pontes/ acesso em 18/12/2015

<https://www.siaapm.cultura.mg.gov.br> < Acessado em: 05/12/2015>

<https://www.sindramas.com> < Acessado em: 04/12/2015>

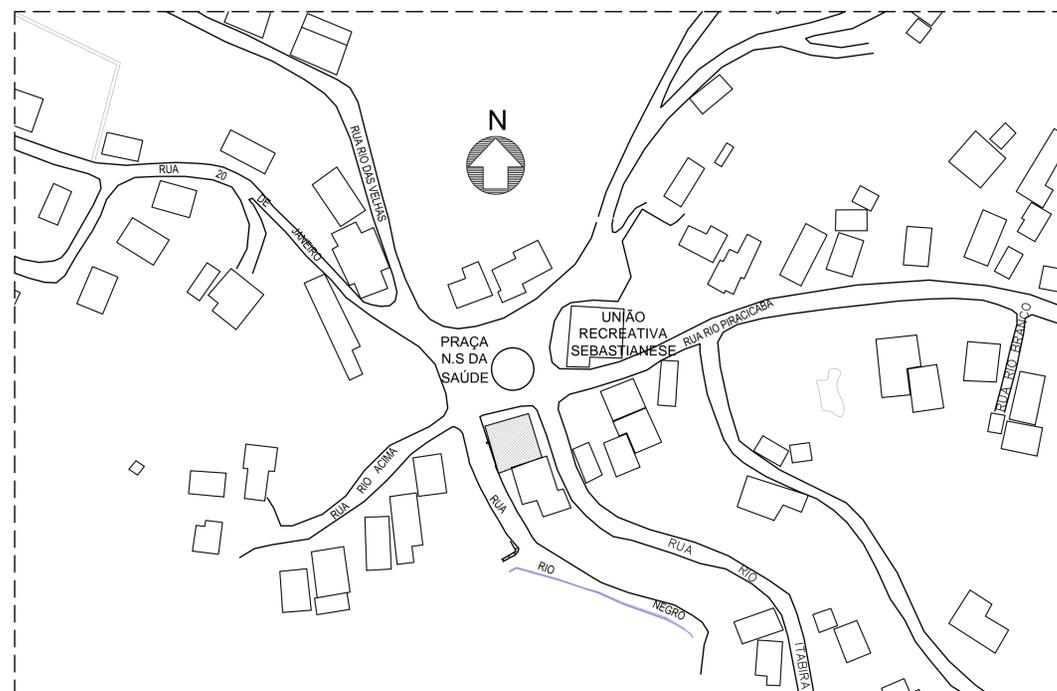
<https://www.tocadacotia.com> < Acessado em: 05/12/2015>



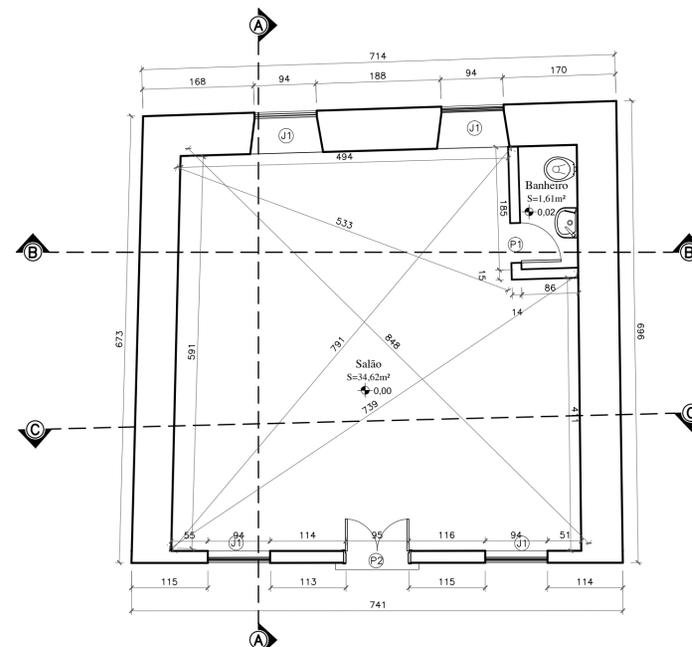
Quadro de Esquadrias								
Janelas								
Código	Dimensões			Tipo	Material			Destino
	Largura	Altura	Peltila		Estrutura	Vedação	Acabamento	
J1	94	126	120	Caixilho/2 folhas de vidro	Madeira	Vidro	Pintura	Comodo principal

Portas								
Código	Dimensões			Tipo	Material			Destino
	Largura	Altura	Peltila		Estrutura	Vedação	Acabamento	
P1	60	200	-	De Correr	Madeira	-	Pintura	Banheiro
P2	95	235	-	De Abrir	Madeira	-	Pintura	Acesso principal

IMPLANTAÇÃO
escala 1/200



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO
escala 1/1000



PLANTA
escala 1/50

CORREÇÕES:

DOSSIÊ DE ESTABILIZAÇÃO
RUÍNA N. S. DA SAÚDE

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto

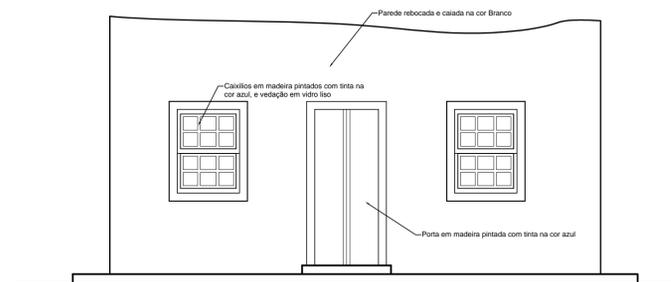
CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROFESSOR: RODRIGO MENICONI

DADOS DO DOSSIÊ DO BEM CULTURAL	ENDEREÇO	PRAÇA NOSSA SENHORA DA SAÚDE- BAIRRO MORRO SÃO SEBASTIÃO	ÁREA DO LOTE	196,43 m²
	ZONA	ZAR - 3	ÁREA CONSTRUÍDA	49,74 m²
	PROPRIETÁRIO	Irmandade de São Sebastião	ÁREA DE OCUPAÇÃO	49,74 m²
	PROFESSOR	ARTHUR VINÍCIUS VALÉRIO LUCAS	DATA	01/02

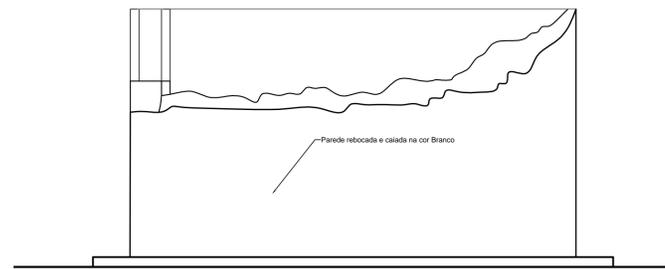
TÍTULO: **LEVANTAMENTO INICIAL**

DETALHE: Implantação, localização, planta e quadro de esquadrias

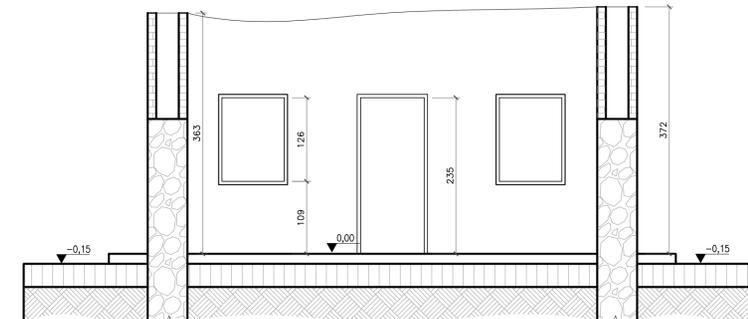
ÁREA A DEMONSTRAR	ÁREA A CONSTRUIR	ÁREA CONSTRUÍDA	ÁREA DE PROJEÇÃO	COEFICIENTE	COEFICIENTE	TAXA
XXXXXX m²	XXXXXX m²	49,74 m²	49,74 m²	25 %	0,25	XXXXXX %



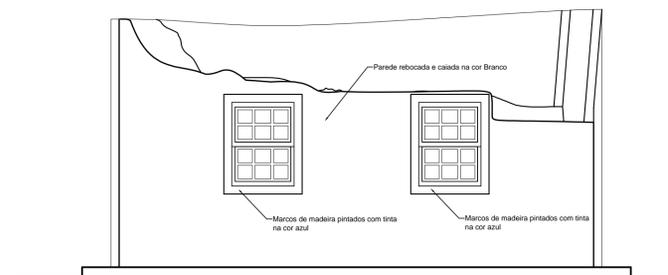
FACHADA FRONTAL
escala 1/50



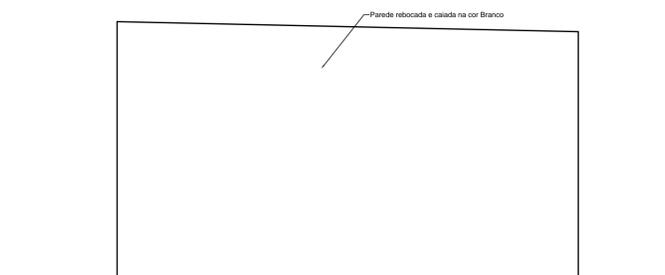
FACHADA LATERAL ESQUERDA
escala 1/50



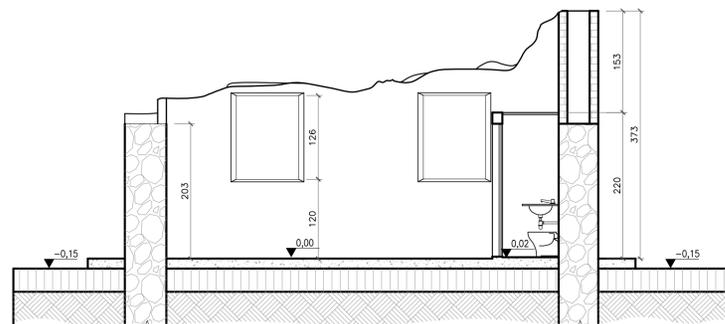
CORTE CC
escala 1/50



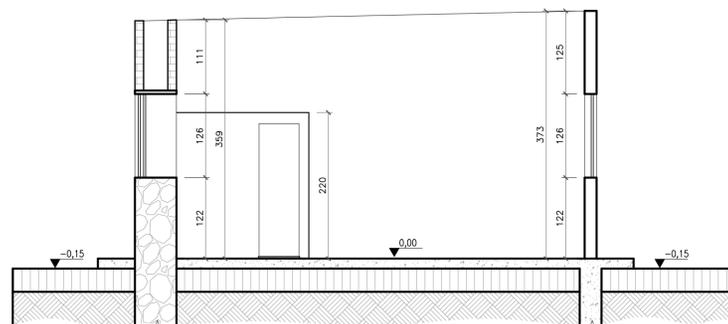
FACHADA FACHADA POSTERIOR
escala 1/50



FACHADA LATERAL DIREITA
escala 1/50



CORTE AA
escala 1/50

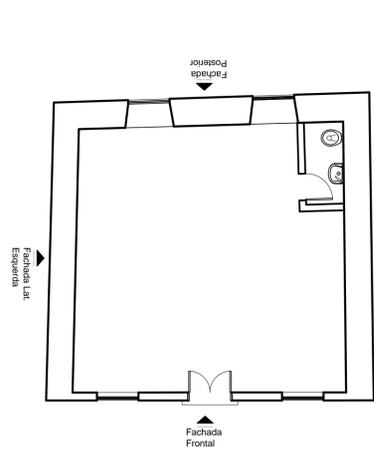


CORTE BB
escala 1/50

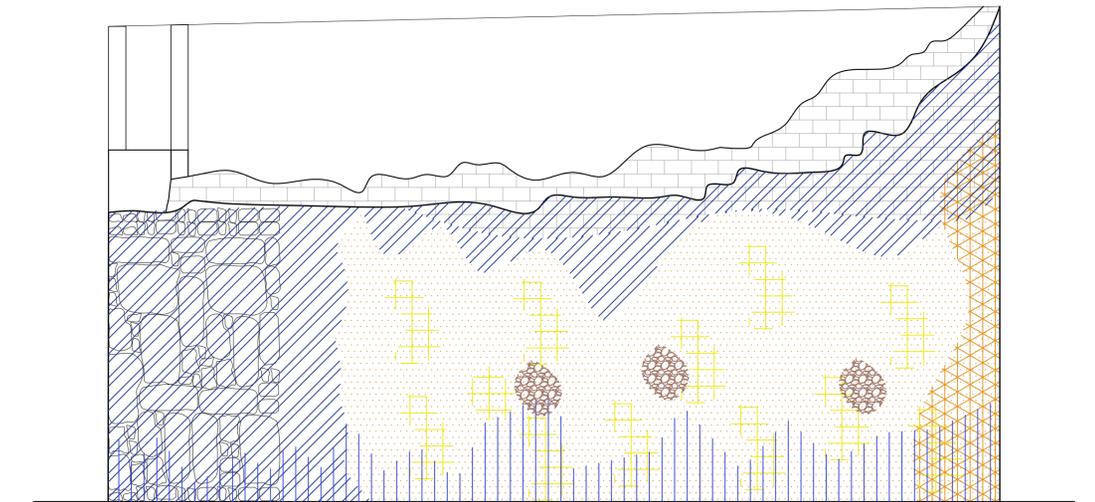
CORREÇÕES:

DOSSIÊ DE ESTABILIZAÇÃO
RUÍNA N. S. DA SAÚDE
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto

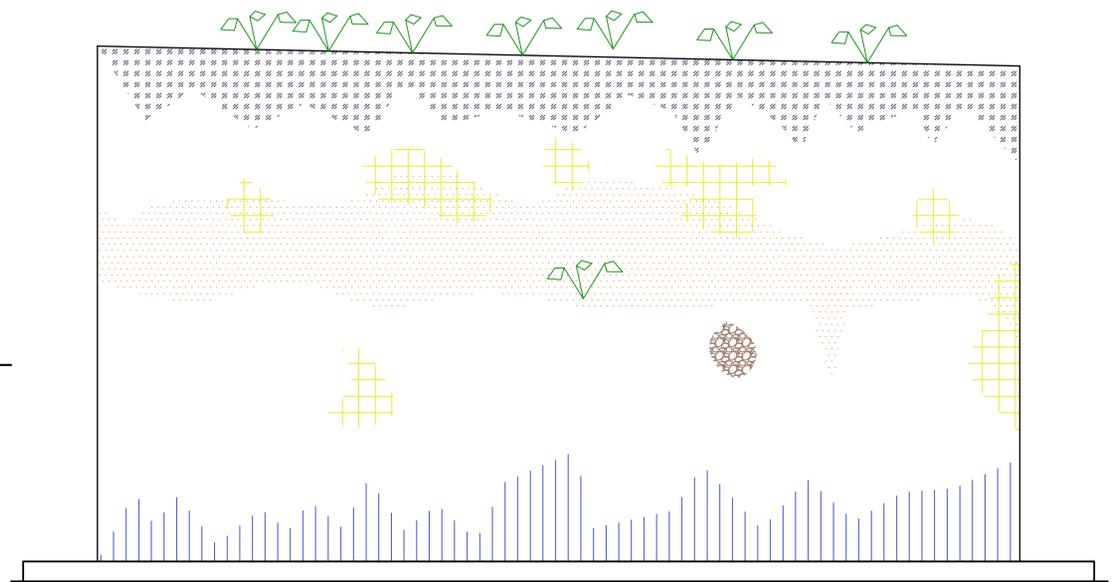
DADOS DO TRABALHO	CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO		
	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO		
DADOS DO ESTABECIMENTO	PROFESSOR: RODRIGO MENICONI		
	UNIDADE	PRAÇA NOSSA SENHORA DA SAÚDE- BAIRRO MORRO SÃO SEBASTIÃO	ÁREA DO LOTE
	ZONA	ZAR - 3	196,43 m²
	USO	XXXXXX	ÁREA CONSTRUÍDA
DADOS DO ESTABECIMENTO	PROFESSOR	Irmandade de São Sebastião	ÁREA DE OCUPAÇÃO
	CNPJ	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	49,74 m²
DADOS DO ESTABECIMENTO	ALUNO	ARTHUR VINÍCIUS VALÉRIO LUCAS	02/02
	TÍTULO	LEVANTAMENTO INICIAL	
DADOS DO ESTABECIMENTO	FACHADAS E CORTES		
	ÁREA A DEMOLIR	ÁREA A CONSTRUIR	ÁREA CONSTRUÍDA
		ÁREA DE PROJETO	COA
			TIP
		49,74 m²	49,74 m²
		25 %	0,25
		XXXXXX %	XXXXXX %



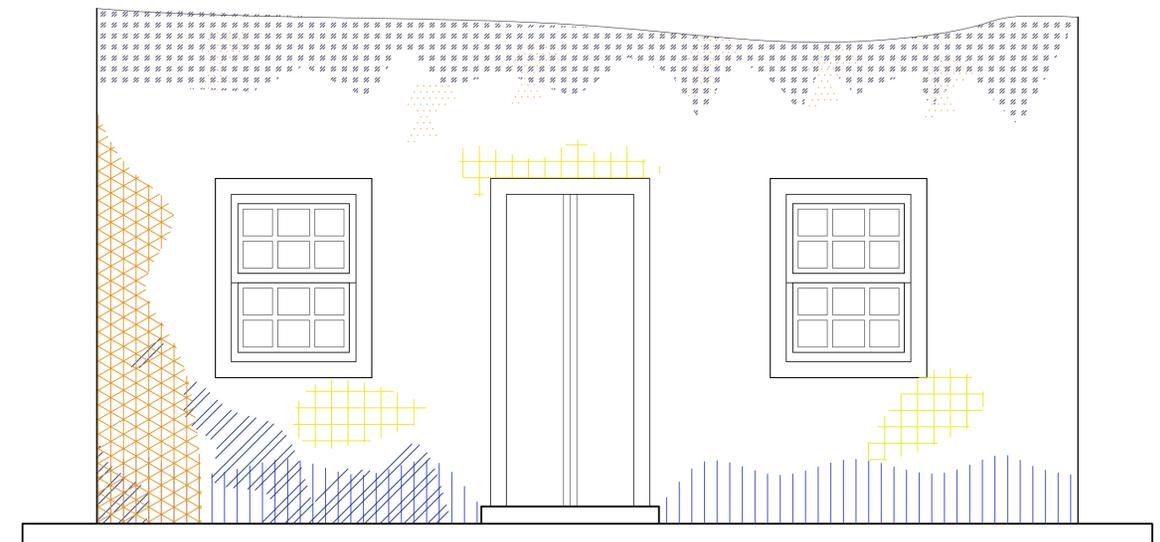
PLANTA CHAVE
escala 1/75



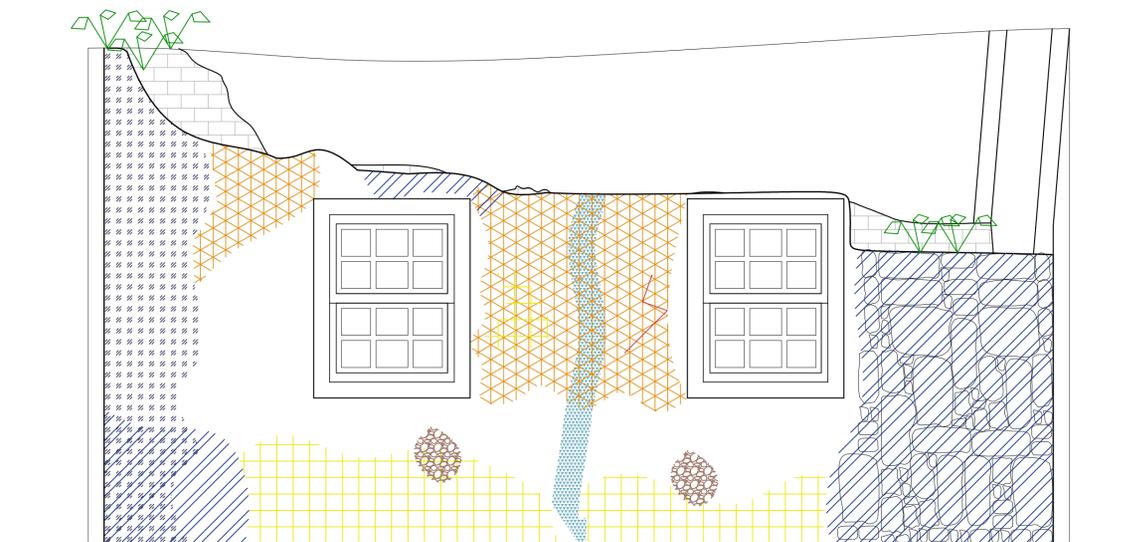
FACHADA LATERAL ESQUERDA
escala 1/25



FACHADA LATERAL DIREITA
escala 1/25



FACHADA FRONTAL
escala 1/25



FACHADA POSTERIOR
escala 1/25

LEGENDA

Item	Patologia	Dano	Causas prováveis
	Fissuras	Fissuramento nas áreas externas	Vibração; Assentamento diferenciado das fundações; Falta de conservação; Transito intenso; Recalque do terreno
	Líquen	Líquens e musgos.	Condições propícias de proliferação (umidade e matéria orgânica)
	Mancha de escorrimento	Exposições às intempéries.	Água pluvial descendo pelas superfícies externas
	Perda da camada pictórica	Exposição às intempéries.	Falta de conservação; Excesso de camadas de tinta sobrepostas
	Perda do reboco	Destacamento e perda de pedaços do revestimento	Excesso de umidade; Exposição a intempéries; Incompatibilidade dos materiais
	Intervenção inadequada	Intervenção sem critério ou conhecimento técnico	Ausencia de conhecimento técnico para intervenção
	Musgos	Líquens e musgos.	Condições propícias de proliferação (umidade e matéria orgânica)
	Vandalismo	Ação Humana	Depredação do patrimônio; Falta de conhecimento sobre o bem
	Vegetação Pequeno porte	Desenvolvimento de vegetação no local	Condições propícias de desenvolvimento (umidade e matéria orgânica)
	Trincas	Trincas nas superfícies acima de 3 cm	Trepidação; Movimentação do solo; Assentamento das paredes; Incompatibilidade dos materiais
	Desgaste do piso	Desgaste no piso ou revestimento	Exposição à intempéries e umidade; Falta de conservação
	sujidade	Deposição material	Exposição à intempéries e umidade; Falta de conservação
	Estufamento do reboco	Estufamento do revestimento das paredes	Exposição à intempéries e umidade; Falta de conservação; Incompatibilidade dos materiais
	Manchas de umidade ascendente	Exposição a intempéries	Umidade do terreno
	Arruinamento/ queda da parede	Queda de partes da edificação	Consequencia do arruinamento

CORREÇÕES:

DOSSIÊ DE ESTABILIZAÇÃO
RUÍNA N. S. DA SAÚDE

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO
PROFESSOR: RODRIGO MENICONI

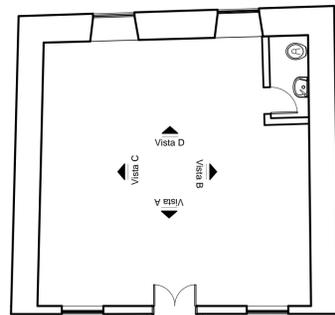
ENDEREÇO	PRAÇA NOSSA SENHORA DA SAÚDE - BAIRRO MORRO SÃO SEBASTIÃO		ÁREA DO LOTE	196,43 m²	
ZONA	ZAR - 3	USO	XXXXXX	ÁREA CONSTRUÍDA	49,74 m²
PROFESSOR	Imandade de São Sebastião	CNPJ	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	ÁREA DE OCUPAÇÃO	49,74 m²

01/04

MAPEAMENTO DE DANOS

Plantas chave e mapeamento nas fachadas

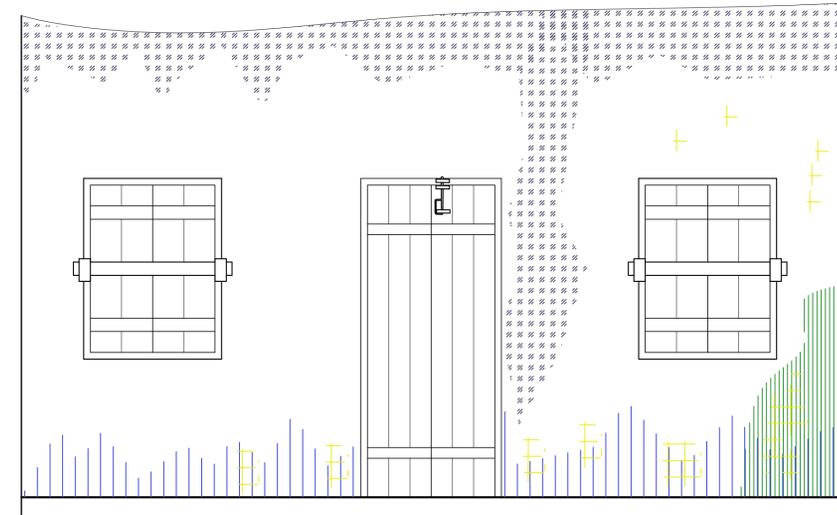
ÁREA A REMOVER	ÁREA A CONSTRUIR	ÁREA CONSTRUÍDA	ÁREA DE PROJETO	COA	TIP
XXXXXX m²	XXXXXX m²	49,74 m²	49,74 m²	25 %	0,25



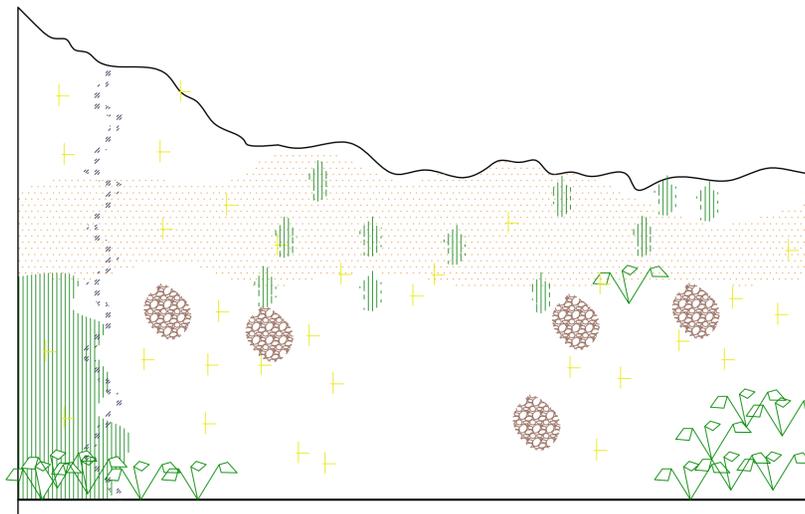
PLANTA CHAVE
escala 1/75



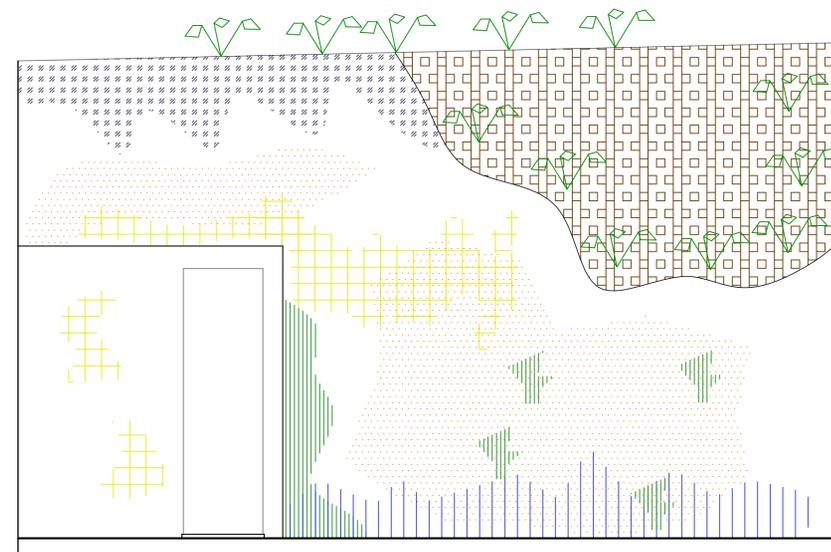
VISTA D
escala 1/25



VISTA A
escala 1/25



VISTA C
escala 1/25

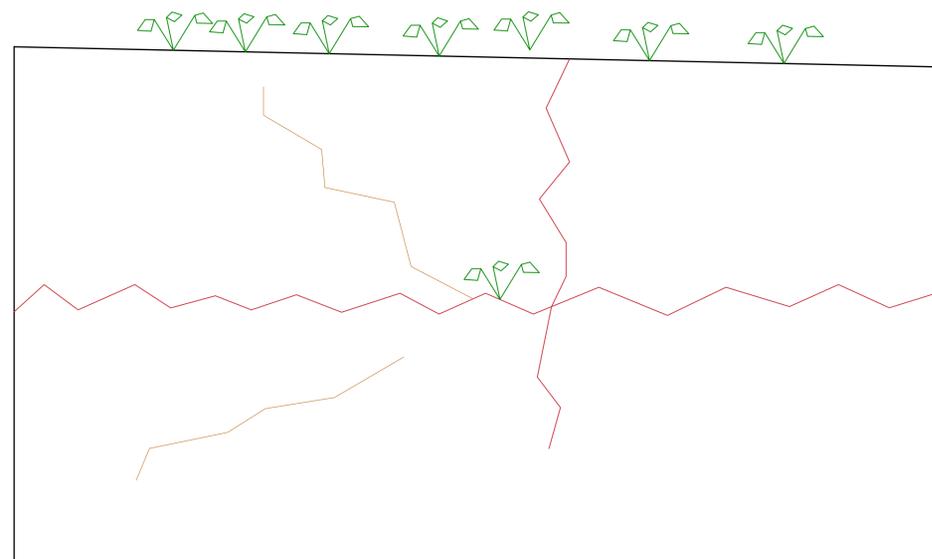


VISTA B
escala 1/25

LEGENDA

Item	Patologia	Dano	Causas prováveis
	Fissuras	Fissuramento nas áreas externas	Vibração; Assentamento diferenciado das fundações; Falta de conservação; Transito intenso; Recalque do terreno
	Líquen	Líquens e musgos.	Condições propícias de proliferação (umidade e matéria orgânica)
	Mancha de escorrimento	Exposições às intempéries.	Água pluvial descendo pelas superfícies externas
	Perda da camada pictórica	Exposição às intempéries.	Falta de conservação; Excesso de camadas de tinta sobrepostas
	Perda do reboco	Destacamento e perda de pedaços do revestimento	Excesso de umidade; Exposição a intempéries; Incompatibilidade dos materiais
	Intervenção inadequada	Intervenção sem critério ou conhecimento técnico	Ausencia de conhecimento técnico para intervenção
	Musgos	Líquens e musgos.	Condições propícias de proliferação (umidade e matéria orgânica)
	Vandalismo	Ação Humana	Depredação do patrimônio; Falta de conhecimento sobre o bem
	Vegetação Pequeno porte	Desenvolvimento de vegetação no local	Condições propícias de desenvolvimento (umidade e matéria orgânica)
	Trincas	Trincas nas superfícies acima de 3 cm	Trepidação; Movimentação do solo; Assentamento das paredes; Incompatibilidade dos materiais
	Desgaste do piso	Desgaste no piso ou revestimento	Exposição à intempéries e umidade; Falta de conservação
	sujidade	Deposição material	Exposição à intempéries e umidade; Falta de conservação
	Estufamento do reboco	Estufamento do revestimento das paredes	Exposição à intempéries e umidade; Falta de conservação; Incompatibilidade dos materiais
	Manchas de umidade ascendente	Exposição a intempéries	Umidade do terreno
	Arruinamento/ queda da parede	Queda de partes da edificação	Consequencia do arruinamento

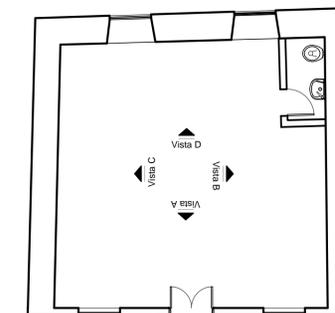
CORREÇÕES:				
<p>DOSSIÊ DE ESTABILIZAÇÃO RUÍNA N. S. DA SAÚDE</p>				
CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO				
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO				
PROFESSOR: RODRIGO MENICONI				
INDICADOR	PRAÇA NOSSA SENHORA DA SAÚDE- BAIRRO MORRO SÃO SEBASTIÃO		ÁREA DO LOTE	
ZONA	ZAR - 3	USO	196,43 m²	
INDICADOR	DURO PRETO - SEDE		ÁREA CONSTRUÍDA	
INDICADOR	XXXXXX		49,74 m²	
INDICADOR	Immandade de São Sebastião	CNPJ	ÁREA DE OCUPAÇÃO	
INDICADOR	XXXXXXXXXXXXXXXXXX		49,74 m²	
INDICADOR	ARTHUR VINÍCIUS VALÉRIO LUCAS			02/04
INDICADOR	MAPEAMENTO DE DANOS			
Planta chave e mapeamento nas vistas				
ÁREA A DEMOLIR	ÁREA A CONSTRUIR	ÁREA CONSTRUÍDA	ÁREA DE PROJEÇÃO	
XXXXXX m²	XXXXXX m²	49,74 m²	49,74 m²	
			25 %	
			0,25	
			XXXXXX %	



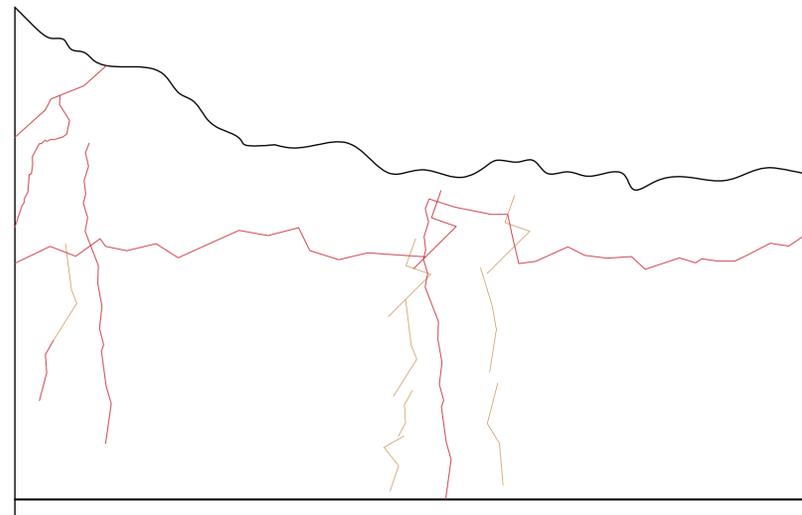
FACHADA LATERAL DIREITA
escala 1/25

LEGENDA

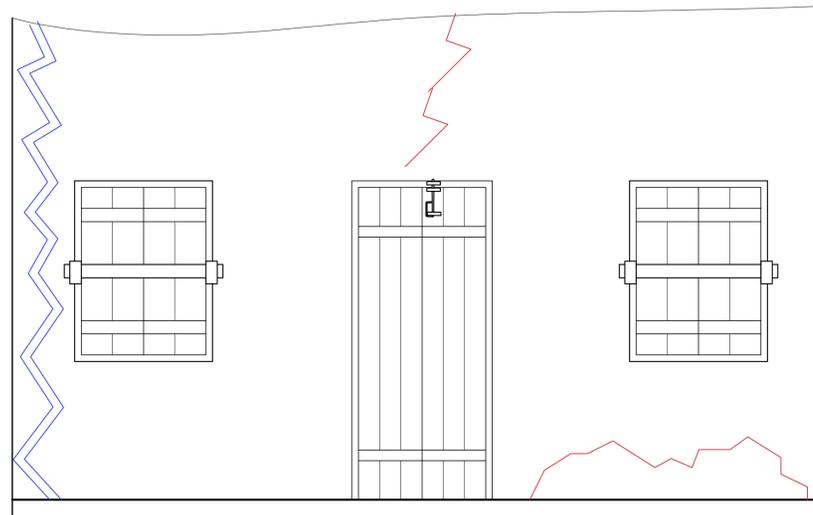
Item	Patologia	Dano	Causas prováveis
	Rachaduras	Rachaduras nas superfícies acima de 3 cm	Trepidação; Movimentação do solo; Assentamento das paredes; Incompatibilidade dos materiais
	Trincas	Trincas nas paredes edificação entre 0,5 a 3cm	Vibração; Assentamento diferenciado das fundações; Falta de conservação; Trânsito intenso; Recalque do terreno
	Fissuras	Fisuramento nas paredes menores que 0,5cm	Movimentação dos materiais, recalque do terreno, diferenças de coeficiente de dilatação dos materiais



PLANTA CHAVE
escala 1/75



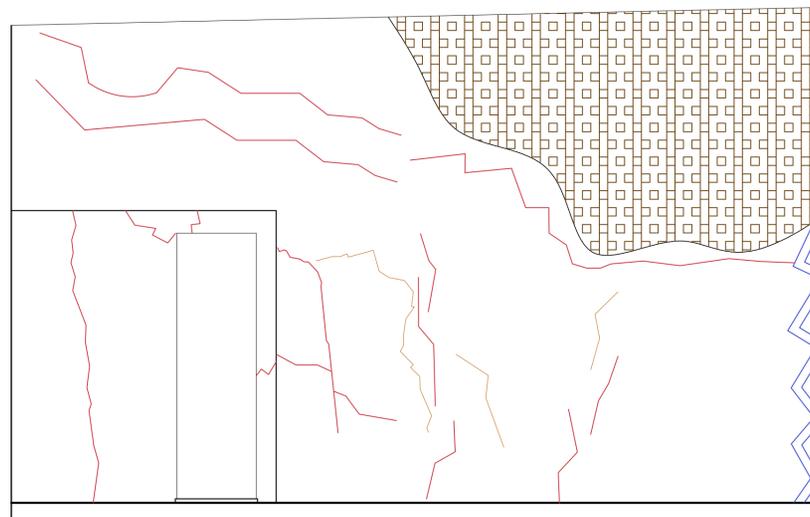
VISTA C
escala 1/25



VISTA A
escala 1/25

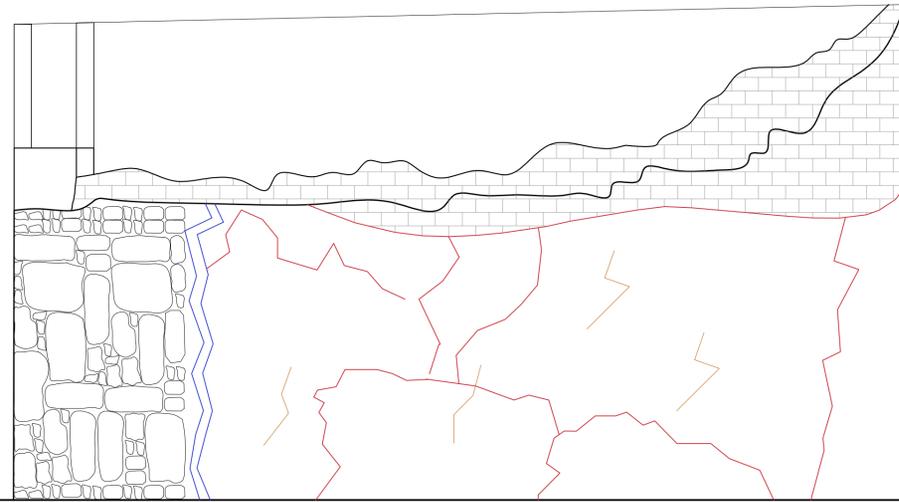


VISTA D
escala 1/25

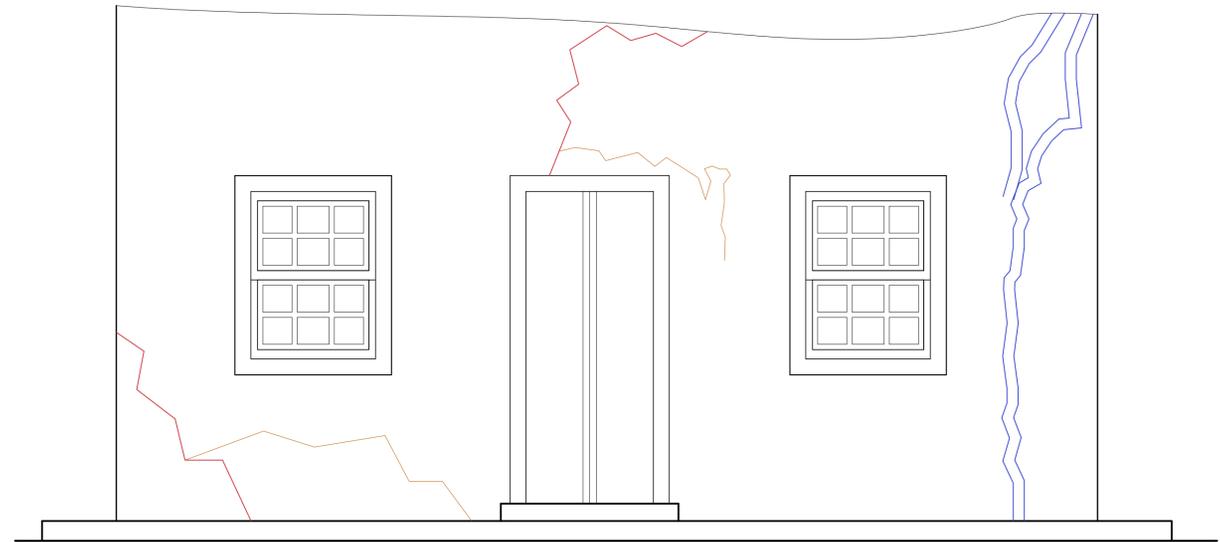


VISTA B
escala 1/25

CORREÇÕES:			
<p>DOSSIÊ DE ESTABILIZAÇÃO RUÍNA N. S. DA SAÚDE</p>			
CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PROFESSOR: RODRIGO MENICONI			
DADOS DO BEM CULTURAL	ENDEREÇO:	PRAÇA NOSSA SENHORA DA SAÚDE- BAIRRO MORRO SÃO SEBASTIÃO	
	ZONA:	USO:	ÁREA DO LOTE
	PROPRIETÁRIO:	CNPJ:	ÁREA CONSTRUÍDA
DADOS DO PROJETO	PROFESSOR:	ARTHUR VINÍCIUS VALÉRIO LUCAS	
	TÍTULO:	MAPEAMENTO DE DANOS	
	DETALHE:	Planta chave e mapeamento nas vistas e fachadas	
ÁREA A REMOVER		ÁREA A CONSTRUIR	ÁREA CONSTRUÍDA
XXXXXX m²		XXXXXX m²	49,74 m²
ÁREA DE PROJETO		ÁREA DE OCUPAÇÃO	U.C.A
49,74 m²		49,74 m²	25 %
T.P.		0,25	
XXXXXX %		03/04	



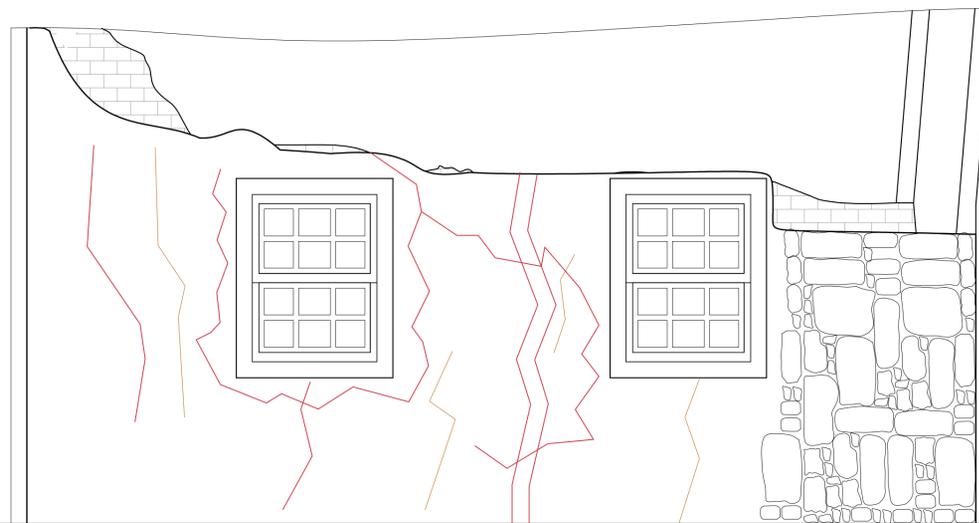
FACHADA LATERAL ESQUERDA
escala 1/25



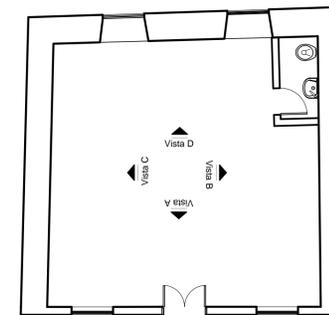
FACHADA FRONTAL
escala 1/25

LEGENDA

Item	Patologia	Dano	Causas prováveis
	Rachaduras	Rachaduras nas superfícies acima de 3 cm	Trepidação; Movimentação do solo; Assentamento das paredes; Incompatibilidade dos materiais
	Trincas	Trincas nas paredes edificação entre 0,5 a 3cm	Vibração; Assentamento diferenciado das fundações; Falta de conservação; Trânsito intenso; Recalque do terreno
	Fissuras	Fissuramento nas paredes menores que 0,5cm	Movimentação dos materiais, recalque do terreno, diferenças de coeficiente de dilatação dos materiais



FACHADA POSTERIOR
escala 1/25



PLANTA CHAVE
escala 1/75

CORREÇÕES:					
<p>DOSSIÊ DE ESTABILIZAÇÃO RUÍNA N. S. DA SAÚDE</p>					
<p>CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PROFESSOR: RODRIGO MENICONI</p>					
ENDEREÇO:	ÁREA DO LOTE				
PRAÇA NOSSA SENHORA DA SAÚDE- BAIRRO MORRO SÃO SEBASTIÃO	196,43 m²				
ZONA:	USO				
ZAR - 3	XXXXXX				
PROPRIETÁRIO:	CNPJ				
Irmandade de São Sebastião	XXXXXXXXXXXXXXXXXX				
	ÁREA DE OCUPAÇÃO				
	49,74 m²				
<p>ALUNO: ARTHUR VINÍCIUS VALÉRIO LUCAS</p>					
<p>TÍTULO: MAPEAMENTO DE DANOS</p>					
<p>DETALHE: Planta chave e mapeamento nas fachadas</p>					
ÁREA A DEMOLIR	ÁREA A CONSTRUIR	ÁREA CONSTRUÍDA	ÁREA DE PROJETO	COA	TP
XXXXXX m²	XXXXXX m²	49,74 m²	49,74 m²	25 %	0,25
					XXXXXX %